

Jéssica

Macedo

"OUTRO LADO" de mim

LIVRO 3

EM UM PASSEIO
NO CAMPO
TUDO PODE
ACONTECER





Jéssica Macedo

OUTRO LADO
de mim

LIVRO 3



Belo Horizonte | 2019

Copyright ©2020 by Jéssica Macedo

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jéssica Macedo

Revisão

Ana Roen

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Leia antes!

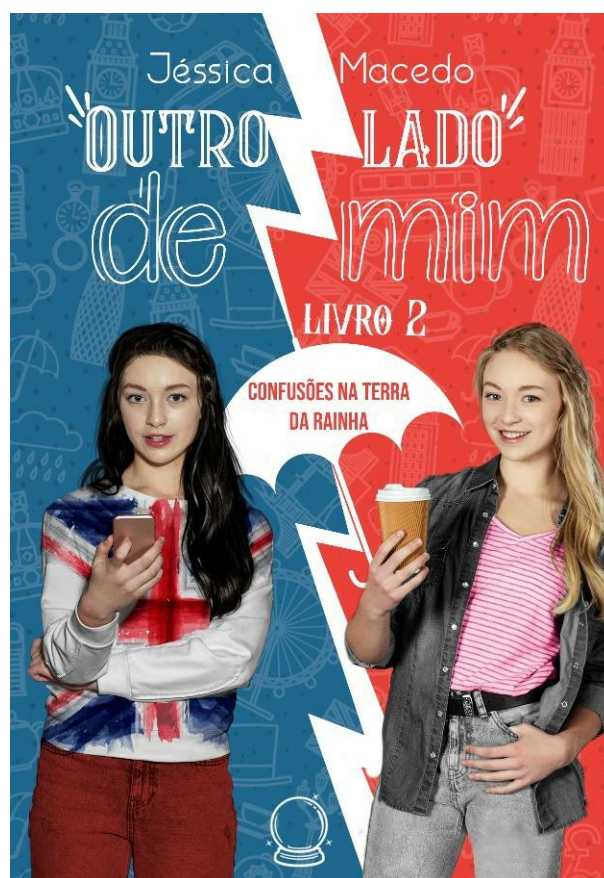


Outro lado de mim => <https://amzn.to/2NROYio>

Cecília é uma garota meiga, gentil e amorosa que ganhou uma grande oportunidade de estudar na melhor escola do país. Tudo parece lindo, um sonho e uma oportunidade de ouro para uma garota de apenas 14 anos. Mas seu conto de fadas acaba quando ela dá de cara com outra menina igual a ela.

A não ser pela cor dos cabelos e a personalidade, Charlotte se depara com uma garota igual a ela. Filha de um empresário multibilionário, ela estudou na Academia Estive a vida inteira. Lá era seu lar, onde sempre teve seus amigos e se sentia especial, mas a sua “clone” desfilando por aí está prestes a colocar tudo a perder.

Em meio a confusões e descobertas, duas garotas vão descobrir que são mais parecidas do que imaginam.



Outro lado de mim: Confusões na terra da rainha => <https://amzn.to/3h0KMqc>

Cecília e Charlotte tiveram a vida mudada de cabeça para baixo e quando as coisas finalmente começam a entrar no eixo, tudo será balançado de novo...

Na sonhada viagem para Londres as duas garotas iguais e ao mesmo tempo tão diferentes poderão ter um momento em família incrível ou nem tanto assim.

Em meio a passeios, descobertas e longe de todos os amigos do Brasil, Cecília conhecerá um charmoso inglês e as consequências disso podem ser desastrosas.

Sumário

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Epílogo



Lecilia

Capítulo

Um

Querido diário,

Achei que todo mundo iria esquecer, que o meu erro seria apagado com uma borracha, e as coisas continuariam a serem como eram antes. Mas a vida não tem ctrl+Z, né?

Já se passou mais de um ano desde que cometi a maior burrada da minha vida. As pessoas comentavam menos na escola, mas o assunto ainda surgia num momento ou em outro. Apareceram outras fotos, algumas piores do que as minhas, não importando o quanto a escola repudiasse a propagação delas.

Queria me mudar para a China todas as vezes em que eu acordava e precisava ir para a escola, mas meus pais não deixavam. Precisei enfrentar e matar um dragão por dia; ainda bem que eu tinha a minha irmã gêmea ao meu lado.

Não era só a forma como as pessoas olhavam para mim que não era mais a mesma. O meu namoro com o Caio estava indo de mal a pior. Juro que achei que seríamos felizes para sempre quando ele foi atrás de mim na Inglaterra e disse que me amava. Perdoamos os erros um do outro e achei que tudo iria ficar bem, mas não ficou... Ele não foi tão forte quanto achei que seria. Virava e mexia cedia às provocações e ia parar na diretoria. Não era só isso; a forma como me tratava era cada vez menos gentil. Não tinha um dia em que estávamos juntos que ele não jogasse na minha cara o que aconteceu, como se o meu arrependimento não fosse o suficiente. Isso me deixava arrasada. Meu namoro estava indo por água abaixo e ontem foi o

derradeiro dia.

Ele me levou para o vestiário no intervalo entre as aulas de matemática e química, e mais uma vez insistiu que fizéssemos o que eu não queria fazer. Saiu irritado, pisando duro, e xingando até a minha mãe quando, mais uma vez, eu fui enfática e disse NÃO, mesmo chorando. Novamente tive que ouvir “você nem conhecia o inglês, mas com ele estava a fim, né?” Por que será que para o Caio era tão difícil entender que uma foto não significava que eu estava pronta? Só temos dezesseis anos, oras!

— Cecília? — Mamãe bateu na porta, mas entrou antes que eu respondesse qualquer coisa.

Guardei o meu diário na gaveta e olhei para ela. Estava tão linda em um vestido azul-claro e com os cabelos loiros presos em uma trança embutida.

— O que está fazendo aqui, filha? Desce, porque vamos cantar parabéns para os seus irmãos.

— Estava só escrevendo no meu diário, já estou descendo.

— Vem logo! Só faltam você e a Charlotte. Sabe onde a sua irmã está? Fiz que não.

— Tá! Então desce ou vai ficar tarde demais e os gêmeos vão acabar dormindo.

Ela saiu do quarto e me levantei para ir atrás dela. Naquela noite, comemorávamos o aniversário de um ano dos meus irmãozinhos Vinícius e Valentim. Eles mal haviam nascido e já davam passos cambaleantes pela casa toda, deixando todo mundo cansado.

Olhei no espelho do corredor, dei o melhor sorriso amarelo para a minha imagem abatida, e joguei para trás uma mecha do meu cabelo loiro que havia cortado na altura dos ombros para mudar um pouco o visual. Era o aniversário dos meus irmãos e precisava parecer minimamente feliz.



Charlotte
Capítulo

Dois

Ouvi a porta sendo aberta e Henry saiu de cima mim, indo parar na outra extremidade do sofá. Olhei para a entrada da biblioteca e vi a minha mãe.

— Estava procurando vocês. O que estão fazendo aqui?

— Na-Nada, senhora — gaguejou o Henry, e vi que uma gota de suor brotou na sua testa.

— Desçam! Estamos só esperando vocês para cantar parabéns para os gêmeos. — Ela abriu mais a porta e ficou nos encarando até que passássemos por ela.

Henry ficou todo acanhado, nem conseguia olhar para ela. Era *megaconstrangedor* a minha mãe ter nos pegado no maior amasso.

Dei a mão para o meu namorado e saí arrastando-o pelo corredor. Henry estava vermelho feito um pimentão. Eu não sabia se estava do mesmo jeito também. Era provável, porque minhas bochechas estavam ardendo.

— Amiga, onde você estava? — Katarina me puxou pela mão e saiu me arrastando quando eu cheguei no jardim. — Preciso te mostrar uma coisa.

Com o canto de olho, vi Henry ficando para trás, indo pegar o que me pareceu ser um copo d'água. Achei bem conveniente depois do nosso momento.

— Char, você ficou sabendo que o Arthur e a Letícia terminaram?

— Ah! — Balancei a cabeça em negativo. — Não sabia, não.

Sério que você me afastou do meu namorado para isso, Kat? Rangi os dentes e tentei não ficar p. da vida. Não queria ter que explicar nada para ela.

Nem sabia o que estava acontecendo direito.

— Sabia que não iam durar. O Arthur é um babaca. Por falar nisso, você viu o Caio? Sua irmã tá sozinha. — Apontou para a Cecília num canto isolado do círculo onde as pessoas se reuniam para cantar parabéns para os meus irmãozinhos. — Acho que esses dois duraram até demais depois do que rolou no ano passado.

— Ah, cara, eles se gostam.

— Sei não, viu.

— Não coloca pilha errada no namoro da minha irmã.

— Tá! Não é da minha conta. — Deu de ombros, jogando para trás uma mecha do cabelo vermelho. — Ah, o Peter veio!

Movi a cabeça e vi o fruto dos suspiros da Katarina e o pai dele, um amigo e sócio do meu pai na empresa há anos.

— Ainda *tô* criando coragem *pra* chamar ele *pra* sair comigo. Tenho certeza que temos um lance, mas às vezes acho que ele é tímido.

— Não sei se ele é tão tímido assim.

Sei lá! Nunca fiquei analisando o Peter assim, apesar de nos conhecermos desde criança. Ele não fazia o tipo pegador como o Caio e o Arthur, por mais que, além da Katarina, um monte de meninas arrastasse um bonde por ele. Não me lembro de ter visto o Peter com alguma menina no último ano; talvez estivesse focado demais no vestibular, e ele precisava tirar boas notas e se sair bem nos exames.

— Anota aí, Char, quando as férias terminarem e a gente começar o terceiro ano, o Peter vai estar de namorada nova.

— E quem seria? — Cruzei os braços. Nem estava mais prestando atenção na minha melhor amiga. Fiquei olhando para o Henry, que sorria

para mim. A minha vontade era deixar a Katarina falando sozinha e ir o mais rápido possível para os braços do meu namorado.

— Eu, é claro! — Fez careta como se achasse um grande absurdo eu não saber a resposta.

— Sem querer te desanimar, mas acho que você não faz o tipo do Peter.

— Ei! Tá do lado de quem?! — Cerrou os dentes. — Vocês nem tem mais um lance.

— Quê?! Eu e ele nunca tivemos um lance. Ele só tentou me beijar naquela vez na boate e depois até me disse que nem sabe porque fez aquilo. É como se fossemos irmãos.

— Então, torce para que eu possa entrar na família. — Ela fez bico e arregalou os olhos brilhantes.

Não tive tempo de dizer nada porque começaram a cantar parabéns para os meus irmãozinhos. Valentim estava todo empolgado no colo da mamãe, já o Vinícius estava enjoadinho e sonolento no colo do meu pai. Imaginei que ele estivesse querendo ir dormir.

Encarei o Peter enquanto batíamos palmas e ele sorriu para mim. Ele era um cara legal, mas por mais que torcesse pela felicidade da minha melhor amiga, imaginei que ela iria quebrar a cara se investisse no Peter.

Assim que o garçom começou a servir o bolo, peguei um pedaço e fui para perto do Henry. A minha melhor amiga podia lidar com os suspiros pelo Peter sozinha.

— Bolo? — Peguei um pedacinho com o garfo e coloquei na frente da boca do Henry.

Ele assentiu com um sorriso e abocanhou o talher.

— Ficou bom esse bolo.

— Chocolate e morango é sempre bom, *né?*

— Você tem razão. — Riu. — Char, a sua mãe...

— Relaxa! — eu o interrompi. — Ela não viu nada.

— Estava bom. — Henry ficou vermelho e senti que as minhas bochechas ardiam.

— Sim... — Escondi o rosto com uma mecha do meu cabelo.

Henry e eu já namorávamos há mais de um ano e, sempre que estávamos sozinhos, queríamos nos beijar, beijar, e não queríamos parar mesmo quando o ar parecia insuficiente. Porém, de um tempo para cá, nosso lance estava ficando bem mais quente do que apenas beijos. Eu me sentia segura e gostava demais do Henry, então, estava apenas deixando as coisas rolarem.



Lecilia

Capítulo

Três

Sentei num banco de madeira que ficava depois da piscina. Num canto isolado e escuro, onde ninguém poderia me ver direto. Não queria estragar o aniversário de um ano dos meus irmãozinhos com as minhas lágrimas.

Ao longe, via a minha família reunida ao redor da enorme mesa do bolo. Meus irmãozinhos indo de colo em colo, sorrindo, dando abraços e, às vezes, chorando por estranhar alguém.

Por mais que tentasse evitar, era mais forte do que eu, o impulso de ficar olhando para a entrada do jardim. Esperava o Caio chegar, aparecer de última hora com aquele sorriso lindo e dizer que tinha se atrasado, mas a festa já estava quase acabando; Caio não iria aparecer e isso me deixou ainda mais triste.

Engoli o soluço, mas senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Rapidamente a limpei com as costas da mão. Não era possível que ele tinha ficado assim tão chateado comigo só porque eu disse que não queria, que não estava pronta. Ele me amava, tinha que entender. *Não tinha?*

— Vi que você não pegou bolo. Eu trouxe um pedaço para você.

Engoli em seco ao notar que alguém havia se sentado do meu lado. Esfreguei os olhos antes de me virar para ver quem era. Aquelas duas esferas azuis, que reluziam mesmo sob pouca luz, me fizeram sorrir.

— Peter, obrigada! — Aceitei o pratinho de bolo das mãos dele.

— Está tudo bem, Cecília?

Fiz que sim.

— Tem certeza? — Ele chegou mais perto, ao ponto da sua perna

encostar na minha.

Fiquei constrangida e movi o meu corpo um pouco para o lado, desconcertada com a proximidade. Ao invés de estranhar meu comportamento, ele continuou sorrindo para mim.

— Sabe que pode me contar qualquer coisa, *né?*

Fiz que sim.

— Reparei que o seu namorado não veio. É por isso que você está triste?

— Ele deve ter tido algum imprevisto. — Coloquei um pedaço de bolo na boca. — Está muito bom! Obrigada — tentei mudar de assunto. Não queria falar sobre o Caio com o Peter ou iria acabar chorando mais do que os meus irmãozinhos.

— Imaginei que gostaria do bolo.

Por que o sorriso dele contagiava tanto? Olhar para o Peter me deixava vermelha e sem graça. Talvez porque ele era tão bonito ou apenas por ser mais velho do que eu. Ficava me perguntando porque um cara como aquele não tinha namorada. Bom, ao menos não que eu soubesse. Tinha que ter um defeito terrível, mas, olhando assim, era difícil saber. Sempre tão gentil, atencioso e sorridente.

— Vamos lá pegar uns docinhos na mesa. — Levantou e me estendeu a mão. — Vão acabar comendo tudo.

Fiquei olhando para a mão dele por alguns segundos e decidi aceitar o convite. Um pouco de doce era muito bem-vindo na minha vida naquele momento tão amargo.

Terminei de comer um brigadeiro e o Valentim estendeu os braços

para vir para o meu colo. Peguei meu irmãozinho; ele encostou a cabeça no meu ombro e fechou os olhinhos. Já era mais de uma hora da manhã, estava cansado. Fiquei surpresa por ele não ter ido dormir antes, porque o Vinícius já estava no berço.

— Ele é tão fofo. — Peter passou a mão pelo cabelo preto do meu irmãozinho, que nem se moveu.

— Está cansado.

— Entrega ele para mim, filha. — Minha mãe parou ao meu lado e pegou o Valentim dos meus braços. — Finalmente ele apagou.

Mamãe andou para o interior da casa e eu e o Peter ficamos sozinhos novamente. Olhei para ele sem graça e Peter colocou as mãos nos bolsos, mas continuei sentindo o peso dos olhos dele em mim.

— Peter, vamos embora.

Nos viramos e eu vi o Philip na entrada da casa, acenando para nós.

— Me espera no carro, pai. Já estou indo.

— Tá! — Philip sumiu de vista.

Peter deu um beijo na minha bochecha e eu senti meu coração disparar. Como se o meu peito não fosse capaz de segurar ele ali dentro.

— Fica bem, docinho. Não gosto de te ver triste.

— Obrigada. — Estava tão sem graça pelo beijo, que nem conseguia olhar direito para ele.

— Quero te ver sorrindo, *tá*? Não tem nada mais bonito no mundo do que o seu sorriso. Não o deixa apagar, nunca.

— *Tá bom!*

— Tchau, Cecília!

— Até mais, Peter!

Fiquei olhando ele ir embora e senti algo revirar no meu peito.



Charlotte
Capítulo

Quatro

Levantei da cama naquela manhã, animada. Estava contente, pois era a última semana de aula antes do recesso do meio do ano. As provas já haviam passado e eu estava a um passo de um pouco de descanso. Eu tinha uma infinidade de motivos para estar feliz, papai e mamãe estavam bem, assim como os meus irmãozinhos, e achava que a Cecília estava superando o trauma do que havia acontecido em Londres.

Procurei o celular, que vibrava debaixo do meu travesseiro, e desliguei o despertador. Antes que a Dalva entrasse no quarto abrindo a cortina e o inundando de luz, saltei para fora da cama e fui ao banheiro.

Estava escovando os dentes na minha suíte, quando o visor do meu celular piscou. Era uma mensagem do meu namorado, que fez com que um sorriso surgisse nos meus lábios.

Oi, amor, bom dia!

Bom
dia!



Suspirei ao ver a mensagem dele. Por mais simples que fosse, acordar todos os dias com um bom dia gentil do meu namorado fazia com que eu me sentisse feliz.

— Charlotte? — Ouvi uma voz vindo do quarto.

— Estou no banheiro, Dalva. Já levantei.

— Que milagre — sussurrou, antes que eu ouvisse o som da porta se fechando.

Terminei de me arrumar, vesti meu uniforme, pentei os meus cabelos tingidos de negro e deixei que caíssem lisos ao redor do meu rosto. Passei um batom claro nos lábios e lápis preto ao redor dos olhos. Mande um beijo para o meu próprio reflexo antes de pegar a minha mochila, que estava na cadeira diante da escrivaninha.

Fui para a sala de jantar, onde encontrei o meu pai lendo um jornal e minha mãe dando papinha para o Valentim, que parecia interessado em qualquer outra coisa menos na comida.

— Bom dia, papai! — Passei por ele e dei um beijo na sua bochecha antes de seguir até a minha mãe. — Bom dia, mamãe!

— Parece empolgada hoje, filha. — Minha mãe me analisou com o olhar enquanto eu puxava uma cadeira para colocar a mochila e outra para me sentar ao lado dela.

— São os efeitos das férias. — Peguei um pratinho de louça e puxei algumas frutas para ele: fatias de mamão, melão, melancia, pedaços de maçã, e uvas. Joguei mel por cima de tudo e iogurte natural.

— Ainda tem metade do segundo ano pela frente — lembrou o meu pai, e eu fiz bico. Não era o momento para ele acabar com a minha empolgação.

— Vou pensar nisso depois das férias. — Dei de ombros ao fincar o garfo em um pedaço de mamão e o levar à boca.

— Por falar em férias... — Percebi que a minha mãe estava me analisando e isso me deixou tensa. — Estava conversando com o seu pai e decidi que vamos passar uma semana com os meus pais na fazenda. Você nunca foi lá e os meus irmãos não tiveram a oportunidade de conhecer os gêmeos.

— Querem ir para a roça? — questionei, tentando não deixar

transparecer o meu ar decepcionado. Já havia feito planos para as férias e eles não incluíam uma semana no meio do nada.

— Sim, fará bem para vocês duas. — Meu pai abaixou o jornal e me encarou.

— Ah, pai, estava pensando se a gente não...

— Isso não é uma votação, Charlotte.

Engoli em seco e fiz bico. Eu amava os meus pais, de verdade, mas uma das maiores desvantagens de se ter dezesseis anos e ainda morar com eles era que mandavam e eu tinha que obedecer.

— Eu vou avisar o Henry.

— Pensei que se vocês duas e seus amigos quiserem, podem ir todos; o quintal é bem grande, podem levar barracas e acampar. Vai ser bem divertido, além do contato com a natureza.

— Acampar, mãe? — Eu fiz bico, não consegui me conter. Nunca havia acampado, mas estava longe de parecer o meu programa favorito. Só de pensar em dormir em uma barraca as minhas costas doíam.

— Onde está a Cecília? — Mamãe se levantou, colocou o Valentim em uma cadeira de alimentação e pegou o Vinícius, que brincava distraído com um chocalho.

Enquanto eu e a minha irmã éramos muito parecidas com a nossa mãe, os gêmeos se assemelhavam muito ao meu pai, com cabelos escuros e olhos claros que ainda não haviam decidido se seriam azuis ou verdes.

— Ela já deveria ter descido. É sempre a primeira a descer. — Meu pai se levantou da cadeira na cabeceira da mesa e eu vi uma leve expressão de preocupação em seu olhar. Porém, antes que ele fosse atrás dela, Cecília entrou na sala de jantar com a cabeça baixa. Deixou a mochila em um canto da porta e se aproximou para beijar o nosso pai e a nossa mãe na bochecha.

— Dormiu bem, pipoquinha? — perguntou a minha mãe, a analisando com o olhar, tentando encontrar o motivo para aquele semblante derrotado. Iríamos sair de férias e a Cecília deveria estar feliz.

— Dormi — respondeu, monossilábica, ao pegar a leiteira e encher o seu copo até quase transbordar.

— Quer falar alguma coisa, filha?

Cecília fez que não. Era evidente que ela estava chateada e fiquei me perguntando se tinha a ver com o lance da foto do ano passado ou se era o relacionamento com o Caio, que, por mais que ela não dissesse nada, era visível que não estava bem.

— Cecília, vamos para casa dos seus avós na semana que vem.

— Na vovó Fátima?

— Sim.

— Oba! — Um sorriso surgiu nos lábios da minha irmã; ao contrário de mim, ela parecia mais empolgada para ir para o meio do mato do que eu.

— Vejam com o Caio, o Henry, e seus outros amigos se eles querem ir junto.

Ela assentiu e pareceu triste novamente. *O que será que o Caio havia feito daquela vez?*

— Vamos, ou acabaremos nos atrasando para a aula. — Levantei, peguei a minha mochila, me despedi dos meus pais e segui para a frente da mansão onde o nosso motorista estava nos esperando para nos deixar na escola.

— Ceci, o que foi? — Praticamente empurrei ela para dentro do carro, quando Cláudio, um cara que havia começado a trabalhar há alguns meses, abriu a porta para nós.

— Nada, não. — Balançou a cabeça, debruçando-se sobre a janela, com a desculpa de olhar para a rua e não para mim.

— Cecil, nem vem com essa. Não estaria com essa cara de enterro se não tivesse rolado nada. Aconteceu alguma coisa com você e o Caio? Ele nem apareceu no aniversário dos gêmeos no final de semana.

— Ele não apareceu. Nem respondeu nenhuma das minhas mensagens. Nós meio que brigamos na sexta-feira e acho que ele *tá* precisando de espaço.

— Brigaram por quê?

— Nada importante.

— Irmã, se não fosse importante, você não estaria parecendo que chupou limão e não gostou. Até o papai e a mamãe viram que você está estranha.

— Ele... Ele acha que... Eu não quero. Não estou pronta.... — Mordeu os lábios e uma lágrima escorreu pelos olhos dela.

Joguei meus braços ao redor do seu pescoço e a abracei bem apertado.

— Se ele bancar o idiota pode falar comigo que vou quebrar a cara dele no meio. Quero ver se consegue continuar com aquele sorrisinho depois que eu acertar um cruzado nele.

— Charlotte, sem violência.

— Tem gente que merece. — Dei de ombros.

— Deixe o boxe apenas para o saco de pancada.

— *Tá* bom. Você não tem que fazer nada que não quiser, não é? E depois do que aconteceu lá em Londres, é bom você pensar muitíssimo bem antes de tomar qualquer decisão.

— Sinto que estou perdendo-o de vez, Charlotte. — Afastou-se, limpando o rosto com as costas das mãos.

— Tenho certeza de que é ele quem está perdendo você, Cecília. Lembra-se do que a mãe disse? Quando lutamos por uma coisa, ela dá certo; se não der, era porque não era *pra* ser. Vê só. Ela e o papai ficaram quatorze anos separados e estão felizes agora.

— Você tem razão. — Ela abriu um meio sorriso e esperava que o meu sorriso motivacional fosse o suficiente para fazer com que ela se sentisse melhor ao longo do dia.

Descemos no estacionamento da escola e eu fui a primeira a sair, indo diretamente para o prédio cinco onde teria a primeira aula do dia. Estava louca para me encontrar com o meu namorado e vi o Henry sentado em um banco de concreto, usando fones de ouvidos largos, jogando em um videogame portátil.

Cheguei perto sem que ele percebesse e puxei o fone para o lado, dando um beijo rápido na sua bochecha.

— Bom dia, amor! — Joguei as mãos para cima ao me sentar ao lado dele.

— Charlotte. — Sorriu ao se virar, movendo o rosto para me dar um breve selinho.

Depois do que havia acontecido com a minha irmã no ano passado, eu estava tentando ser mais discreta na frente das pessoas, para que os malditos linguarudos não tivessem mais coisas para falar sobre nós duas.

— Henry — tombei a cabeça, escorando-a em seu ombro —, o papai disse que nós vamos viajar para a fazenda dos pais da minha mãe na semana que vem. Será que os seus pais deixariam você ir comigo? Lembro que a Cecília comentou que lá nem tem sinal de telefone. Vai ser horrível ficar no meio do nada e nem conseguir falar com você.

— Eu vou ver lá em casa. Não posso garantir nada, mas acho que os

meus pais devem deixar, sim. Os seus vão junto, não é?

Fiz que sim, em meio a um sorriso de esperança. Iria ser uma tragédia ter que ficar no meio do mato sem celular e sem o meu namorado. Eu tive uma infância muito diferente da da minha irmã, sabia disso, mas quem poderia achar legal um lugar onde a companhia mais frequente era a dos mosquitos?

— Eu vou pedir.

— Obrigada! — Abracei-o, beijando a sua bochecha. — A mamãe falou alguma coisa sobre montarmos barracas no quintal.

— Parece legal.

— Parece terrível. — Fiz uma careta e ele riu.

O sinal alertando o início da primeira aula tocou e Henry se levantou do banco, estendendo a mão para que o seguisse para dentro do prédio em direção à nossa sala.



Lecilia

Capítulo

Cinco

Foi impossível não olhar à minha volta procurando pelo Caio enquanto eu andava até o prédio onde teria a minha primeira aula. Charlotte saiu praticamente correndo e sumiu de vista; imaginei que ela estava com o Henry naquele momento, mas ainda era difícil caminhar na escola sozinha.

Toda vez que alguém olhava para mim eu tinha a impressão de que estavam pensando na minha foto e todo o meu constrangimento aumentava. Procurei pelo meu namorado mais uma vez, mas não o encontrei até estar dentro da sala. Sentado na última carteira, distraído com o celular, Caio só percebeu a minha aproximação quando me sentei diante dele.

— Oi — sussurrei, envergonhada, sentindo um tijolo atravessado na minha garganta.

— Cecília. — Levantou a cabeça, jogando o cabelo loiro para trás e me fitou com os olhos cor-de-mel. Eles estavam profundos e misteriosos.

— Você não me ligou nem me atendeu no final de semana.

— Foi mal, eu tive uma festa no final de semana. — Passou a mão pela franja do cabelo, jogando-o para trás.

— Mais importante do que o aniversário dos meus irmãozinhos?

— Era um lance do meu pai. — Deu de ombros.

— Ah, sim, me desculpa.

— De boa.

— Nós vamos viajar para a fazenda dos pais da minha mãe na semana que vem. Você quer ir junto? A Charlotte deve chamar o Henry também; mamãe sugeriu de acamparmos todos no jardim. A casa da minha avó é

pequena, não tem quartos para todo mundo, mas acampar pode ser legal.

— Acampar? — Levantou uma das sobrancelhas loiras em um ar desconfiado.

— É, pode ser legal. — Tentei sorrir, mas a frieza dele estava acabando com toda a minha empolgação.

— Então, você vai?

— Eu vou perguntar os meus pais.

— *Tá bom.*

O professor entrou na sala e fui obrigada a me virar para frente. Estava torcendo para que tudo entre mim e o Caio ficasse bem, por mais que tivesse a impressão de que isso não iria acontecer.

Depois da aula de português, segui com o Caio para o prédio onde aconteceria a nossa aula de geografia. Ele estava calado, muito pior do que seu tom monossilábico de hoje pela manhã. Tentei não pensar muito a respeito do que poderia estar o afetando, pois sabia que isso poderia me magoar.

— Oi, Cecília! — Um cara do terceiro ano, que eu nem sabia o nome, passou por nós e piscou para mim como se fôssemos íntimos.

Vi o Caio cerrar os punhos e rosnar; não havia ficado contente com o cumprimento invasivo, já que ele provavelmente deveria imaginar que o cara tinha feito aquilo por causa da foto.

— Esses idiotas — balbuciou baixinho, e eu permaneci em silêncio. Tinha medo que se falasse alguma coisa, acabaria complicando a situação.

— Só vamos para sala. — Peguei a mão dele e o puxei comigo.

O clima entre nós dois estava completamente desconfortável e

esperava que melhorasse em breve, porque não conseguiria sustentar aquela situação por muito mais tempo.



Charlotte
Capítulo

Seis

No intervalo, eu e meus amigos nos reunimos no lugar de sempre, em uma mesa no canto do refeitório. Peguei um sanduíche natural e um suco de laranja, enquanto o Henry tomava um achocolatado de caixinha e comia um pão de queijo.

Katarina foi a primeira a chegar, e logo todos estavam reunidos ao redor da grande mesa. Inclusive o Caio e a Cecília; ela parecia longe do cem por cento, mas estava um pouco melhor do que quando eu saí de perto dela pela manhã para ficar com o Henry.

— Galera, vou para o interior na semana que vem, para a fazenda dos meus avós — comecei, chamando a atenção de todos.

— Maneiro. — Arthur revirou a tortinha de frango no pires onde estava comendo, sem nem me olhar nos olhos. Ele era outro que andava bem estranho depois do término com a Letícia.

— Meus pais deixaram convidar vocês, se quiserem ir; acho que podem ir todos. Minha mãe falou algo sobre montarmos barracas no quintal e acampar por lá.

— Essa é a mesma Charlotte que eu conheço? — Letícia colocou a mão na testa, balançando a cabeça em negativa. — Por acaso você e a Cecília trocaram de lugar?

— Eu estou bem aqui. — Cecília levantou a cabeça do seu pedaço de pizza apenas para comentar.

— Eu não curto muito a ideia de ficar no meio do nada, sem celular, e cercada de mosquitos. Papai me lembrou que a família não é uma

democracia, então meio que sou obrigada a ir, mas acho que com vocês lá pode ser bem divertido.

— Sei não. — Letícia balançou a cabeça.

— Eu vou. — Arthur puxou o bonde.

— Vou pedir lá em casa. Não tinha nada programado para as férias, acho que eles vão deixar. — Katarina abaixou a latinha de refrigerante. — Sabe se o Peter vai?

— Não.

— Ah, uma pena. — Sua empolgação diminuiu consideravelmente.

— Eu vou ver lá em casa também — Letícia acabou cedendo quando viu que todos estavam tentados a ir.

— Ótimo! Eu vou falar com o meu pai e pensar em um jeito de irmos; de repente, ele leva a gente de vã. Já que depois que os gêmeos nasceram, a nossa família, por si só, já não cabe mais em um carro convencional.

— Você tem fotos deles aí? — Letícia se debruçou sobre mim. — Lembro que eram umas gracinhas, mas faz tempo que os vejo.

— Tenho umas da festa. — Puxei o celular do bolso para mostrar a ela.

— Me deixa ver!

— Vai passando para o lado. — Entreguei o celular para ela e voltei a me concentrar no meu lanche.

Se todos os meus amigos realmente fossem, aquela viagem poderia deixar de ser um marasmo total para se tornar algo bem divertido.



Lecilia

Capítulo

Sete

A semana passou e o Caio continuou distante; não sabia o que era pior, ele tentando de todas as formas me pressionar a fazer algo que eu não queria, ou agir com aquela indiferença toda, como se nem fôssemos namorados.

Cheguei da escola na quarta-feira, troquei de roupa, colocando um short e uma camiseta larga e segui para a academia da mansão. Em um canto da enorme sala, havia um saco de areia e alguns outros aparelhos de treinar golpes. Aquele costumava ser o recanto da minha irmã, o lugar em que ela ia para refletir, mas eu estava contente por ela ter se disposto a compartilhá-lo comigo.

Coloquei o par de luvas e bati uma na outra, me preparando para socar o saco. O professor vinha sempre às terças-feiras e quintas-feiras, mas estava de folga durante aquele mês de férias para viajar com a família.

Acertei um soco e o saco vibrou, pendulando de um lado para o outro. Bati de novo e o saco continuou balançando, no fim, eu estava apenas aplicando uma sequência de golpes descoordenados que me deixaria com os pulsos doendo.

— Socos secos, sem deixar o saco pendular. Levanta a guarda! Se estivesse lutando contra alguém de verdade, já teria recebido um contragolpe e teria sido nocauteada.

Virei o eu corpo e olhei para trás. Charlotte havia entrado na academia e estava me encarando com os braços cruzados e a expressão séria.

— O que está rolando?

— Só vim treinar um pouco. — Dei um golpe mais firme e rápido no

saco; dessa vez ele não balançou.

— Sozinha e no meio da tarde?

— É, tem algum problema?

— Comigo não, mas parece que com você tem.

— Só queria extravasar um pouco. — Tombei a cabeça de um lado para o outro, tocando o ombro com a orelha para alongar o pescoço e depois comecei a dar pulinhos, me posicionando ao redor do saco.

Vi Charlotte ir até um baú onde as coisas ficavam guardadas e pegou as ataduras e luvas dela, num tom preto e vermelho. Ela se preparou, calçou as luvas e parou na minha frente.

— Queixo no ombro e guarda levantada — repetiu uma frase que o professor tinha o hábito de me dizer com frequência.

Seguia as orientações conforme me lembrava e a minha irmã acertou um cruzado na minha coluna. Ela não aplicou força; o golpe serviu apenas para me assustar, pois eu não estava preparada para ele.

— Atenção!

— *Tá!* — Cerrei os dentes.

Nós giramos sobre o chão coberto por um emborrachado e eu avancei na direção dela, mas todos os anos que a Charlotte tinha de treinamento na minha frente a tornavam bem melhor do que eu.

— Desculpa me intrometer, Ceci. — Ela moveu o braço para proteger a orelha de um golpe meu. — Sei que você está tentando e que gosta dele, mas não acha melhor terminar com o Caio de vez do que ficar nessa?

— Terminar com o Caio de vez? — Engoli em seco.

— Você está tentando fazer funcionar desde que voltamos de Londres e parece que não está funcionando, mas talvez seja apenas uma impressão

minha. — Ela me acertou um golpe na boca do estômago que me fez cambalear para trás.

— Ei! — resmunguei, massageando a barriga.

— Se defende e contra-ataca, irmã. Para de apanhar.

Eu a encarei e não sabia dizer se ela estava falando sobre o nosso breve treino de box ou sobre o meu namoro com o Caio. Nas duas situações, eu parecia estar perdendo feio.

Charlotte se afastou de mim, dando saltinhos para trás e trocou suas luvas por outras, com aparador de soco.

— Vamos lá! — Estendeu as mãos com os aparadores na minha frente. — Imagina que é a cara do Caio. — Ela fez uma careta e eu gargalhei. — Começa com uma sequência de *jabs* de direito, depois você cruza.

Assenti e deferi os golpes. *Um dois... um, dois e cruza...* Minha mente esvaziou após a terceira sequência de golpes e me senti mais livre. Só parei quando estava exausta e com os braços doendo.

— Acho que vou tomar um banho agora. — Tirei uma mecha do meu cabelo que estava sobre o meu rosto.

— Também vou fazer isso.

— Obrigada, Charlotte. — Eu a abracei toda suada, mas como a minha irmã também estava, ela apenas me abraçou de volta.

— Por nada, Cecília.

Ficamos assim por alguns minutos até que ela se afastou e foi para o seu quarto. Fiz o mesmo.

Deitei na cama depois do jantar e peguei o meu celular para ver se tinha alguma mensagem do Caio. Ele estava online, mas não tinha me

mandado mensagem nenhuma. As minhas do final de semana foram visualizadas, mas ele não me respondeu. Achei melhor não mandar nada; se o Caio quisesse falar comigo, iria me chamar, ou conversaríamos na manhã seguinte antes do penúltimo dia de aula.

Já era mais de dez horas da noite, horário de dormir, mas eu estava sem sono. Então liguei a televisão. Parei em um filme qualquer de super-heróis e deixei passando, sem prestar atenção de fato no que estava acontecendo.

Meu celular vibrou e eu o puxei de cima da mesa de cabeceira. Esperava que fosse uma mensagem do Caio, mas me surpreendi ao ver que era do Peter.

Dormindo?

Ainda não.

Sem sono? ??

Mais ou menos, isso.

Tô nessa. Foda que amanhã preciso acordar bem cedo para resolver umas coisas com o meu pai.

Que saco!

Nem me fala. ☹ Espero que não esteja no modo zumbi amanhã ou meu pai vai me trucidar.

Acho que ele não faria isso.

Não me arriscaria.

Mas o bom de estarmos com insônia juntos é que podemos distrair um ao outro.

?? . É

Por que está envergonhada?

Não sei.

Preferi não escrever, mas fiquei olhando para o celular após enviar a minha mensagem. Peter me desconcertava completamente ao mesmo tempo que me fazia sentir bem.

Você e o seu namorado se resolveram?

Acho que sim, sei lá! Talvez.

Que pena. ☹

Pois é... A Charlotte acha que eu deveria terminar com ele de uma vez.

Mas dói pensar nisso?

Sim, dói! Não está sendo fácil para ninguém depois daquela maldita foto. Nem todos os recursos do meu pai foram suficientes para enterrá-la. Às vezes eu preferia ficar de castigo a vida inteira do que passar por algumas outras situações muito piores que eu tive que passar.

Foi só uma foto, Cecília. ¬¬

Não é bem só uma foto.

Você não fez nada além de mandar aquela foto. As pessoas julgam demais, é um saco. Mas o Caio deveria estar ao seu lado, te protegendo.

Não está sendo fácil para ele.

O.o Não deve *tá* sendo fácil para você, mas relaxa, vai dar tudo certo.

Obrigada, Peter. ♥♥♥

Por nada! Se precisar, você sabe que pode contar comigo.

♥♥♥

Vou deixar você dormir agora. Até mais, Cecília.

Até, Peter, obrigada. Boa noite.

Ótimos sonhos, docinho.

Suspirei ao colocar o meu celular de volta na mesa de cabeceira. Ao menos uma coisa boa havia acontecido após aquela foto terrível. Peter e eu nos aproximamos e eu havia ganhado um amigo compreensivo.

Só esperava que o que eu sentia perto dele não fizesse tudo desandar. A outra vez em que fiquei caidinha por um cara mais velho, não deu nem um pouco certo.



Charlotte
Capítulo

Oito

— A gente se fala amanhã, amor — despedi-me do Henry, quando vi a minha mãe entrar no meu quarto.

— Podemos conversar? — Ela se sentou aos pés da minha cama, atraindo toda a minha atenção.

— Sim. — Estiquei o braço para colocar o meu celular de volta na mesa de cabeceira.

Eu tinha descoberto que a minha mãe estava viva e tinha passado a conviver com ela há pouco mais de um ano, mas, talvez, por esforço mútuo, conseguimos deixar esse tempo perdido de lado e criamos um laço forte desde o momento em que nos reencontramos. Eu estava feliz demais por tê-la na minha vida e a sensação era como se tivesse tido a sua companhia durante a vida toda.

— Seus amigos estão animados para viajar conosco?

Fiz que sim ao me recordar que, fora a Letícia, todos já haviam confirmado que iriam.

— Falei com o seu pai para alugarmos uma van e o equipamento para acamparem. Vai ser bem divertido, você verá.

— Espero que sim. Já estou sofrendo por antecipação por causa dos mosquitos.

— É só levarmos bastante repelente.

Eu fiz uma careta e a minha mãe riu.

— Eu queria falar com você sobre outra coisa. Durante a festa, você e o Henry...

— Só estávamos nos beijando, mãe — disse apressadamente, interrompendo-a, e imagino que isso tivesse entregado mais do que eu gostaria.

— Sei... — Olhou-me de esgueira, deixando claro que estava pouco, ou nada, convencida da minha defesa.

— Filha, quero que você saiba que existem desejos e impulsos que são maiores do que a gente. Porém, você precisa pensar com muita cautela antes de tomar qualquer decisão, ou pode acabar se arrependendo.

— Ah, mãe! Não sou tão tonta quanto a Cecília; não vou mandar uma foto pelada para o Henry.

— Não é apenas a isso que estou me referindo. Esse assunto abrange muito mais do que uma foto; felizmente a sua irmã não chegou a fazer nada além de uma foto, imagina se houvesse feito? Estaria ainda mais arrependida.

— Mãe, o Henry não é como aquele cara.

— Ainda assim, é preciso ter cautela. Eu tinha apenas dois anos a mais do que você e a sua irmã quando fiquei grávida de vocês. — Ela colocou uma mecha do cabelo loiro atrás da orelha, mas manteve o olhar sério. — Vocês ainda possuem muito tempo para que tudo aconteça com calma. Porém, se for realmente da sua vontade fazer algo com o Henry, eu gostaria que conversasse comigo antes, tudo bem? E se previnam; vocês podem se amar, mas não é o momento de terem filhos. Está vendo de perto o trabalhão que um bebê dá observando os seus irmãos.

— Não vou fazer nada sem pensar antes, mãe.

— Ótimo! — Ela sorriu e se curvou para me dar um beijo na testa. — Lembre-se que sempre vou estar ao seu lado para te orientar e proteger, filha.

— Obrigada, mãe. — Eu a abracei e a apertei

Ficamos assim por alguns minutos até que ela se levantou e saiu do

meu quarto para que eu pudesse dormir ou pensar. Confesso que quase não dormi.

Eu não havia pensado claramente no caminho que o meu relacionamento com o Henry estava tomando e, muito menos, se estava pronta para o próximo passo



Lecilia

Capítulo

Nove

Depois dos últimos dias tristes e solitários, eu estava empolgada. Iríamos para o lugar onde eu passei boa parte da minha vida; ainda que não possuísse todo o luxo e as comodidades da mansão do meu pai, era um local recheado de boas lembranças, onde me encontraria com os meus avós e tios.

Peguei a alça da mala e desci a escada, indo até a frente da mansão, onde estava estacionada a van que o meu pai havia alugado para viajarmos todos juntos. Para ser sincera, estava mais para um micro-ônibus com espaço para as bagagens.

Entreguei a mala para o meu pai que estava com boné e óculos de sol, num estilo muito mais despojado do que eu costumava vê-lo. Geralmente, o homem de negócios andava sempre de terno bem alinhado. Ele pegou a minha mala e a colocou junto a algumas outras.

Charlotte estava com o Henry, que já havia chegado, e Arthur conversava com a Katarina, que dava pouca ou nenhuma atenção a ele. Ouvi um carro se aproximando e imaginei que seria o Caio; meu coração acelerou no peito, mas soltei um suspiro quando Larissa desceu dele e veio praticamente correndo e gritando para cima da Katarina.

O horário confirmado para a partida estava chegando e ainda não tínhamos nenhum sinal do meu namorado. Será que ele não viria? Senti uma pontada desconfortável no peito, mas aquela era uma possibilidade, já que ele não havia confirmado, mas também não havia negado.

— Estão todos aqui? — Minha mãe olhou em volta, memorizando os rostos e os nomes de cada um.

Ela estava até muito calma para quem ficaria responsável por dois bebês e um bando de adolescentes durante uma semana inteira.

— Cecília, o Caio não vem? — Meu pai me encarou e eu empalideci. Queria dizer que ele vinha, que estava apenas um pouco atrasado, mas não poderia dizer nada, pois não tinha certeza de nada.

— Eu... É... Pai... — Não consegui formar uma frase concreta, pois minha cabeça estava enlouquecida pensando no que responder, mas antes que os meus neurônios entrassem em curto-circuito, meu pai apontou para um carro que entrava na nossa propriedade.

— O carro do Bernardo. Deve estar trazendo o Caio.

Alguns minutos depois, o carro preto com vidros escuros estacionou ao lado do micro-ônibus. O Caio desceu dele carregando uma mala, e meu pai foi cumprimentar o dele.

— Oi. — Sorri sem graça quando ele parou à minha frente.

— Oi! — Tombou o corpo e me deu um selinho. — Onde eu coloco a mala?

— Pode colocar ali perto da roda que o meu pai vai abrir o compartimento para guardar.

— Beleza. — Arrastou a mala pelas rodinhas e a colocou no local indicado.

— Agora estão todos aqui? — Mamãe conferiu a lista pela milionésima vez.

— Faltam nossos bebês. — Riu meu pai e ela mostrou a língua.

— Estão lá dentro com a babá.

Senti um certo alívio pela minha mãe ter aceitado a sugestão do meu pai de levar a babá junto, pois achava que ela não daria conta de cuidar de

tudo, independente da ajuda da vovó.

— Todos para dentro. — Meu pai fez um gesto com a mão, incentivando-nos a entrar.

Mamãe voltou ao interior da mansão e saiu de lá acompanhada da babá, cada mulher com um dos gêmeos nos braços. Elas entraram no ônibus e os prenderam com o cinto em cadeirinhas.

Alguns minutos depois, meu pai girou a chave e estávamos na rua, a caminho da fazenda dos meus avós.

Katarina ligou uma caixinha de som portátil e colocou uma playlist de pop rock, que cantava de forma desafinada com a Larissa. Seria uma tortura passar as aproximadas cinco horas de viagem com aquele barulho na cabeça se não estivesse tão engraçado. As duas eram ruins para burro, mas, ao menos, as caretas nos arrancavam boas gargalhadas.

Debrucei-me sobre o Caio, que estava sentado na poltrona ao meu lado, e preendi o cinto que ele havia se esquecido de colocar. Abri um sorriso sem graça quando os meus seios esbarram nele sem querer e o meu namorado me lançou um olhar malicioso. Voltei a me acomodar na minha poltrona e fingi que nada havia acontecido.

Virei a cabeça e fiquei observando a estrada até que o sono começou a bater. Viagens longas em ônibus eram sempre um sonífero para mim. Tombei a cabeça para o lado e a apoiei no ombro do Caio. Ele não disse nada e nem se moveu. Por um momento, senti que tudo ficaria bem entre nós dois e voltaríamos a ser felizes como antes, mas havia algo quebrado entre nós que não tinha conserto, eu só não conseguia perceber.

Acordei com um peso sobre a minha coxa e quando olhei para baixo, percebi que era a mão do Caio. Ele estava acariciando o tecido da minha

calça e subindo cada vez mais.

— O que está fazendo?

— Só tocando você — disse baixinho para que ninguém ouvisse.

Na posição em que estávamos, apenas o Arthur, sentado no banco do lado, conseguia nos ver, mas ele estava com fones de ouvido e muito concentrado na tela do tablet. Provavelmente, ainda estava aproveitando os momentos de sinal de internet.

— Para! — Empurrei a mão dele para baixo quando estava subindo demais.

— O que é que tem?

— Eu não quero e alguém pode ver.

— Só estou com a mão na perna da minha namorada; não têm nada demais.

— Já disse para parar. — Tirei a mão da minha perna e a coloquei sobre a dele antes que os seus dedos fossem parar onde não deveriam.

Ele bufou e virou a cabeça para o lado, irritado, como se a errada fosse eu e não ele, querendo passar a mão em mim, com o risco de alguém ver. Mesmo se estivéssemos sozinhos, eu não estava segura para isso. Depois daquela minha exposição, eu não estava segura para nada.

Caio tirou o celular e os fones de ouvido do bolso e, durante o resto da viagem, ele me ignorou como se eu não estivesse ali, e não se deu o trabalho de me dirigir uma única palavra.

Fiquei com o terrível pressentimento de que talvez fosse melhor que ele não tivesse vindo. As minhas férias perfeitas no lugar que eu amava poderiam não ser tão perfeitas assim.



Charlotte
Capítulo

Dez

Chegamos à fazenda por volta da uma da tarde e o sol brilhava muito forte. Só não estava faminta e desesperada, pois a minha mãe havia trazido sanduíches para fazermos um lanche durante a viagem e paramos em um posto de conveniências no meio do caminho para que pudéssemos fazer xixi.

Assim que o meu pai estacionou o ônibus, corremos todos para a janela. Eu conhecia bem os meus avós maternos das vezes em que eles foram para Bela Vista nos visitar, mas nunca estivera na casa deles.

Confesso que estava esperando uma cabana de madeira no meio de uma clareira com um cercado contendo vacas e outro com porcos. Era provável que eu só estivesse vendo filmes demais. Ao contrário das minhas especulações, o lugar tinha uma aparência agradável, com um pequeno lago e alguns bancos, um jardim florido, espaço para grama e um caminho de pedra que levava à frente de uma pequena casa de alvenaria amarela com telhado vermelho.

Papai foi o primeiro a descer do ônibus. Ele se alongou, espichando os braços e pernas. Ele deveria estar exausto por ter passado horas no volante de um veículo tão grande. Eu estava acostumada ao luxo que meu pai sempre me proporcionou e a ter as pessoas sempre fazendo as coisas por mim, porém, tive a impressão de que ali as coisas seriam bem diferentes, a contar pelo meu pai ter vindo dirigindo no lugar de um dos nossos motoristas.

Puxei o meu celular do bolso e vi que estava sem nenhum sinal telefônico.

— O meu também não está pegando. — Henry aproximou o aparelho dele de mim.

— É, minha mãe e minha irmã chegaram a comentar que não pega sinal aqui. — Suspirei; não sabia se iria conseguir ficar em modo avião por uma semana. Se não fosse pelo Henry ali, tinha certeza de que estaria enlouquecendo.

— Vem, Charlotte! Vem Henry! — chamou o meu pai, incentivando-me a sair de dentro do ônibus.

Atravessei o veículo com uma certa cautela e desci a escadinha até pisar na grama fofa e verde.

— Charlotte! — Minha avó soltou a minha irmã e abriu os braços para mim. Corri até ela e deixei que me envolvesse. — Que bom ter vocês aqui.

— Estou muito feliz por estar aqui, vovó. — Continuei a abraçando por muitos minutos até que uma picada no meu braço me fez recuar. — Ai! — Bati a mão por reflexo e quando fui olhar com ela, tudo o que enxerguei foi um borrão de sangue e parte de um inseto esmagado.

— Uma picadinha de boas-vindas — brincou o meu avô, e eu fiz cara feia.

— Preciso de um repelente. — Fiz cara de nojo enquanto continuava a encarar o mosquito esmagado na minha mão.

— Vem. — Vovô segurou os meus ombros e me guiou para dentro da casa onde havia um banheiro para que eu pudesse lavar a minha mão.

Esperava que o repelente desse jeito, pois não sabia se aguentaria ser picada incessantemente todos os dias. Sem contar que a picada estava coçando.

Estava lavando a mão quando a minha mãe apareceu na porta do banheiro e me entregou um frasco de spray.

— Passa bastante. Somos sangue novo. Vão tentar fazer a festa.

— Credo, mãe! — Fiz uma careta e ela riu. — Tem que passar nos meus irmãozinhos.

— Passei neles antes de sairmos, mas a Renata está passando mais neles.

— Você e papai também vão dormir em barracas?

— Não; nós e os bebês vamos ficar no meu antigo quarto. Se vocês não estiverem muito animados com os lances das barracas, podemos espalhar alguns colchonetes pela casa.

— Acho que a gente se vira.

— Espero que sim. — Ela riu.

Comecei a tossir quando o excesso do produto começou a me causar alguma reação.

— Está bom, filha! — Minha mãe pegou o frasco de cima da bancada. — Se não, você vai repelir mais gente do que apenas os mosquitos. Vou levar para os seus amigos e ver quem mais precisa; ainda bem que comprei bastante.

Voltei para a varanda, onde estavam todos reunidos, e ri da Katarina esticando uma raquete elétrica de um lado para o outro, tentando matar o máximo de mosquitos possível. Considerando os pontinhos pretos que haviam surgido na grade, ela deveria estar conseguindo fazer algum progresso.

— Imagino que vocês estejam famintos. A viagem é longa e bem cansativa. Eu fiz feijoada para vocês.

— Oba! — Cecília passou correndo por nós e arrastou o Caio para alguma parte da casa.

Katarina, eu, e os demais nos entreolhamos. Parecia uma coisa banal,

mas, pelo visto, eu não era a única ali que nunca havia comido feijoada.

— Vamos, crianças! — Minha avó me pegou pelos ombros e fez um gesto para que os demais a seguissem. — A cozinha fica na parte de trás da casa, perto do fogão a lenha.

Atravessamos o interior da casa, passando por uma sala arrumada e com diversos artefatos religiosos, até chegar na cozinha, que me pareceu ser o maior cômodo da casa. De um lado, havia um fogão a lenha com armários gastos e um suporte para panelas de cobre na parede, do outro, estava uma enorme mesa de madeira, com um banco largo de cada lado que cabia várias pessoas. Sobre a mesa, o nosso almoço estava servido em panelas de barro e cobre. A maior de todas deveria conter a feijoada.

Minha avó nos incentivou e nos acomodamos ao redor da mesa, que parecia com algumas do refeitório da escola. Peguei um prato limpo e puxei a tampa da panela de pedra. Era tão pesada que meu pai acabou me socorrendo, tirando-a dali e colocando sobre o fogão. Peguei uma concha e despejei o líquido preto, fumegante e cheio de carne e outras coisas que não consegui distinguir de imediato. Observei a Cecília ao meu lado e entreguei a concha para ela, minha irmã estava ansiosa para se servir e concordei com a expressão dela. Deveria estar bom. Terminei o prato com arroz, couve e um pouco de farofa.

Não tinha requinte, mas estava gostoso e tinha certeza de que a minha avó havia cozinhado com amor. Depois de comer até arrisquei a colocar um pouco mais. Meus amigos também estavam comendo com gosto e acho que, no fim, a experiência gastronômica seria boa.

Me lembrei da nossa viagem para Londres no ano anterior, da parte boa. Antes de viajarmos, Cecília estava empolgada e eu não, pois eu já tinha estado naquela cidade várias vezes. Imaginei que agora era a vez dela, de

certa forma, me dar o troco, porque minha irmã cresceu naquela casa.

— Vovó, a senhora fez doce de leite? — perguntou, ela pensando na sobremesa antes de terminar o almoço.

— Canudinho de doce de leite e pé de moleque.

— Oba!

— O que é canudinho de doce de leite? — Cruzei os talheres sobre o meu prato, interessada.

— Cíntia, deveria ter trazido essa menina aqui antes. — Balançou a cabeça em negativa ao colocar as mãos na cintura.

— Ela vai se acostumar, mãe.

Minha avó continuou encarando a minha mãe e depois seu olhar pesou no meu pai. Acredito que isso a fez lembrar de que o meu pai foi criado e me criou em uma realidade completamente diferente daquela.

Ela saiu de perto e foi até um dos armários que ficava perto do fogão. Tirou dele dois potes de metal grandes, com flores pintadas nas laterais, moveu o meu prato para o lado e os colocou na minha frente. Assim que abriu a tampa, pude ver o que havia lá dentro; em um, pequenos quadrados com amendoim encurtados e, no outro, uma massa que me pareceu folheada com doce de leite dentro. Antes que eu me decidisse por qual começaria, minha irmã enfiou a mão na minha frente e pegou uns três canudinhos.

— Aqui, quem come mosca, fica sem. — Ela riu e eu fiz careta, pegando o mesmo.

Assim que dei uma mordida, a massa crocante quebrou na minha boca. O doce de leite também estava muito gostoso. Peguei outro antes que os meus amigos atacassem o pote. No fim, meu primeiro almoço longe da civilização até que foi muito mais gostoso do que eu imaginava.



Lecilia

Capítulo

Onze

— Você cresceu aqui? — perguntou o Caio enquanto caminhávamos até o ônibus para pegar as nossas malas.

Terminei de mastigar o canudinho de doce de leite antes de respondê-lo. Estava morrendo de saudades dos doces deliciosos que a vovó fazia. Eu teria que treinar bastante boxe e correr na esteira para queimar todos os quilos que certamente ganharia naquela viagem.

— Foi, mamãe voltou para cá quando eu nasci. Eu estudava em uma escola na cidade vizinha; um ônibus da prefeitura passava todos os dias pela manhã para me buscar. Eu já estava bem mais velha quando a mamãe voltou para Bela Vista e me colocou em uma escola melhor.

— Aí você ganhou a bolsa para a Estive?

Fiz que sim.

— Quer? — Estendi um tablete de pé de moleque para ele e Caio aceitou.

— É gostoso isso.

— Muito gostoso.

Peguei a minha mala e o Caio a dele. Meu pai tirou as barracas montáveis e espalhou-as no quintal diante da casa.

Era superlegal ter todos ali. Até a minha irmã, que estava levantando uma campanha contra a viagem, já estava se acostumando com o lugar.

— Partiu montar as barracas! — Arthur passou correndo e pegou uma delas. Letícia e Katarina o seguiram, curiosas com o que ele aprontaria.

Caio e eu também nos aproximamos. A empolgação do Arthur me fez

imaginar que ele sabia como montar, mas quando se deparou com o tecido impermeável e um monte de tubos de plásticos, olhou para todos em volta na esperança que alguém dissesse alguma coisa.

— Letícia, olha aí no Youtube um vídeo de como monta essas coisas. Se ensinou como desentupir a cafeteira do meu pai, também devem ensinar a montar uma barraca de camping.

— Aqui não tem sinal, idiota! — Katarina balançou a cabeça em negativa.

— Ah, é! — Arthur coçou a cabeça, todo envergonhado.

— Me deixa tentar. — Henry saiu de perto da Charlotte e se sentou ao lado do Arthur. Pegou um papel que estava junto com a barraca e começou a montá-la.

Todos nós ficamos observando até que ele colocou de pé a barraca em apenas poucos segundos.

— Como você conseguiu? — Arthur e as meninas estavam boquiabertos e admirados. Parecia um bicho de sete cabeças, mas o Henry deu conta de domar a fera rapidinho.

— É só ler o manual. — Riu, de um jeito que transformou seus olhos já finos e puxados em apenas duas linhas.

— Meu namorado é incrível! — Charlotte foi correndo e envolveu o pescoço dele com os braços.

— Enquanto os meninos se viram com as barracas, vocês quatro podem encher os colchões infláveis. — Meu pai entregou umas caixas para gente e umas bombas de encher com o pé.

Fora eu, todos aqueles outros adolescentes estavam acostumados a viver no luxo e ter sempre tudo ao alcance de um aplicativo telefônico. Seria bem divertido ver como todo mundo iria se virar naqueles dias que

passaríamos longe de tudo.

Enchemos os sete colchões infláveis de solteiro enquanto os meninos montavam as três barracas. Os meninos não, porque o Henry montou e o Arthur e o Caio ficaram praticamente assistindo. Imagino que se eles tivessem ajudado teriam acabado bem antes da gente. Eram três barracas, uma maior, onde dormiriam os meninos, e as outras duas ficaram divididas entre Letícia e Katarina em uma e Charlotte e eu na outra.

Apesar de todos os imprevistos e a completa falta de saber o que fazer, estávamos todos nos divertindo.

— Conseguiram montar o acampamento, meninada? — Meu avô se aproximou com um cacho grande de banana-nanica bem amarelinha e distribuiu entre nós.

— Eles apanharam um pouquinho, mas deram conta. — Riu meu pai, que, até o momento, apenas nos observava de longe, sem se oferecer para ajudar. Era o jeito dele de deixar que todo mundo colocasse a mão na massa e descobrisse que as coisas nem sempre eram tão fáceis.

— O que acha de darmos um passeio pela fazenda agora? — Meu avô ajeitou a aba do chapéu. — É bonito ver o pôr-do-sol lá do alto da montanha e lá vocês devem conseguir sinal de telefone para ligar para casa.

— Vamos, gente! — Saltei na frente deles, chamando a atenção de todos.

Henry foi o primeiro a se levantar e a chegar perto de mim. De todos que vieram, o namorado da minha irmã, e meu melhor amigo, era o que parecia mais empolgado com o passeio. Ele tirou um boné vermelho do bolso e o colocou sobre o cabelo preto extremamente liso.

— Vamos! — Charlotte colocou uma mão no meu ombro e com a outra, ela entrelaçou os dedos nos do Henry.

Vovô liderou a caminhada e nós seguimos atrás dele, passando perto do lago, onde ele cultivava peixes, e seguimos por um caminho de terra e grama até a plantação de café. De um lado, estavam os pés com os grãos quase maduros e, do outro, brotos do que logo se transformariam em feijões. Continuamos seguindo até passar por uma cerca; depois dela, ficava o curral e um pequeno estábulo. Ambos estavam vazios, pois os animais pastavam durante o dia. Ao longe, vi um homem que eu não conhecia, mas ele estava tocando as vacas; deveria ser um empregado da fazenda.

— Não durmam tarde — avisou o meu avô ao pararmos perto da cerca do curral. — Amanhã cedinho vou levantar vocês com o galo para virem tirar leite.

— Está falando sério, vô? — Charlotte fez uma careta.

— Muito sério. Vieram para cá, têm que ter a experiência completa.

Minha irmã manteve a expressão de repulsa e eu caí na gargalhada. Iria ser muito divertido ver todos eles tentando tirar leite.

— Vamos continuar. — Meu avô balançou a mão, fazendo um gesto para ser seguido.

Seguimos caminhando pelo pasto, até o alto de uma colina onde começava uma floresta que protegia a nascente. Aquele era o ponto mais alto da fazenda e nos permitia ver tudo. Inclusive uma casa a alguns quilômetros e parte da cidade mais próxima.

— Se vocês quiserem usar o celular, aqui dá sinal para ligação, mas internet não costuma funcionar bem. Vai depender da sorte e da operadora de vocês.

Charlotte tirou o celular do bolso e o levantou no ar. Segundos depois, ele começou a vibrar loucamente como se estivesse tendo um ataque. Imaginei que ela tivesse muitas notificações e mensagens para receber. Nem

me dei ao trabalho de trazer o meu; como o Caio, meus pais, e a minha irmã estavam ali comigo, poderia voltar a ter contato com a sociedade quando retornasse à Bela Vista.

— Não quero saber de vocês o tempo todo aqui. — Meu avô lançou um olhar sério para todos os jovens que estavam atentos aos celulares. — Liguem para os seus pais e depois tratem de aproveitar o passeio.

Katarina estava posando para uma foto e imaginei que ela estivesse postando nas redes sociais. Era muito mais difícil desconectar do que nós imaginávamos.

Percebi que o Caio estava ligando para casa e fiquei parada ao seu lado. Foi impossível não ouvir a conversa, enquanto ele falava com a mãe. Ela estava contente pelo filho não estar em casa e levei mais um tempo escutando a conversa para entender o motivo.

— Seus pais estão se separando? — Não contive a pergunta quando ele desligou o celular e o guardou no bolso.

— É! — Deu de ombros sem delongar o assunto, como se ele não fosse nada importante e eu não fosse a sua namorada.

— Desde quando?

— Faz uns meses. O casamento deles já não estava legal, andavam brigando muito e, na semana passada, o agente do meu pai fechou um contrato para ele jogar na Europa e acho que ele se muda na semana que vem.

— Poxa, Caio! — Eu o abracei, pegando-o de surpresa e o meu namorado demorou bastante para retribuir. — Eu sinto muito.

— Sei lá! É coisa deles.

— Mesmo assim é chato e triste.

— Você tem razão. — Desvencilhou-se do meu abraço quando meu

avô começou a andar e todos o seguiram por um caminho até as árvores.

— Lembra da sua casa na árvore, Cecília?

Fiz que sim.

— Ela ainda existe?

— Não só existe como eu fiz algumas reformas.

— Uau! Eu quero ver. — Passei por ele e corri pelo caminho até chegar a uma árvore antiga e alta.

Deparei-me com a casa de madeira a uns dois metros do chão. Eu me lembrava de ela ser bem menor e mais simples durante a minha infância, porém, meu avô sempre foi um excelente carpinteiro, por isso eu não estava surpresa com o resultado. Estava megaincrível e parecia uma casa na árvore de filme.

Subi pela escada que levava até ela e abri a porta. Algumas das minhas antigas bonecas ainda estavam ali, assim como um colchão velho onde eu me deitava quando queria ficar sozinha, ao lado de uma mesa de madeira com cadeiras pequenas para crianças, que o meu avô havia feito quando eu tinha dois anos. Havia uma camada de poeira sobre as coisas, mas nada que não fosse solucionado com um pano.

Charlotte subiu pela escada e me empurrou para o lado para que pudesse ver por dentro. O espaço ali dentro era grande o bastante para caber nós sete sentados em círculo.

— Que lugar maneiro! — exclamou Arthur, olhando em volta.

— É incrível. — Katarina se aproximou da pequena janela para olhar para baixo. — Podemos contar histórias de terror aqui à noite. Iria dar um medo danado.

— Acho melhor fazermos uma fogueira e nos reunimos pertos das

barracas. Não tem poste de luz por aqui e fica pelo menos a um quilômetro da casa onde estão os adultos.

— Larga a mão de ser medrosa, Charlotte. É só usarmos lanternas, ué.

— A Charlotte tem razão, é melhor ficarmos perto dos adultos à noite.

— Henry cruzou os braços e a encarou com um tom sério.

— Ah, japônês, a sua opinião nem vale, porque você vai estar sempre do lado da sua namorada. — Katarina fez bico.

— Vamos decidir isso depois. — Arthur tentou ser político.

— Crianças, desçam porque já está escurecendo.

— Tá! Depois a gente vê isso. — Katarina foi a primeira a tomar o caminho de volta.

Descemos todos pela escada e seguimos o meu avô de volta à casa.

Enquanto caminhávamos, eu não conseguia parar de pensar no fato dos pais do Caio estarem se separando e no quanto isso deveria ser difícil para ele. Imaginei que esse poderia ser o principal motivo para ele estar agindo tão estranhamente nesses últimos meses. Só fiquei um pouco chateada por ele não ter me contado, afinal, éramos namorados e eu poderia dar um mínimo de apoio emocional.



Charlotte
Capítulo

Doze

Voltamos para a casa dos meus avós e nos reunimos diante das barracas, no espaço no centro que havíamos deixado para acender a fogueira.

Sentamos em círculo, encarando uns aos outros.

— Gente, só tem um banheiro; vamos ter que fazer uma fila para todos tomarmos banho. — Cecília saiu de dentro da barraca que dividiria comigo e se sentou ao lado do Caio.

— Os quartos não tem suíte? — Larissa arregalou os olhos, parecia abismada com a notícia.

— Não, só tem um banheiro social.

— Ah, vamos decidir no palitinho — sugeriu o Arthur. — Cada um sai e busca um graveto para a nossa fogueira. Do maior para o menor fica a ordem de quem vai tomar banho primeiro.

Eu o encarei com um ar de surpresa. Até que ele era bem mais esperto do que eu me lembrava.

— Todo mundo concorda? — Olhei para cada um e eles balançaram a cabeça em afirmativa.

Antes que eu dissesse alguma coisa, o Arthur foi o primeiro a sair correndo e os demais fizeram o mesmo. Caio e eu ficamos por último, mas Henry estendeu a mão para me ajudar a levantar e nós seguimos na mesma direção da Cecília porque, dentre todos nós, a minha irmã era a que melhor conhecia aquela fazenda e conhecia onde a madeira ficava. Fomos até a parte de trás da casa onde ficava uma pilha enorme de madeira seca.

— Caramba!

— É para o fogão a lenha. — Cecília riu. — A vovó não vai se importar se pegarmos um pouco para fazer uma fogueira.

Minha irmã subiu na pilha e pegou o que ela julgou ser o maior graveto, Henry e eu fizemos o mesmo e logo os outros quatro apareceram no mesmo lugar. Voltamos para o local da fogueira e colocamos os galhos de madeira uns aos lados dos outros.

— Parece que eu ganhei. — Cecília ficou na ponta dos pés, toda exibida.

— Foi por pouco. — Henry a cutucou.

— Ainda assim eu ganhei. — Estufou o peito, exibida como um pavão.

— Vai tomar banho logo e agiliza o processo. — Empurrei-a pelos ombros.

— Estou indo!

— Ficou assim: Cecília, Henry, eu, Charlotte, Katarina, Letícia e por último o Caio, que nem madeira pegou. Você é sem graça, cara! Já ouviu aquele ditado? Está na chuva é para se molhar. Você deveria ter entrado na brincadeira.

— Estou sem pressa. — Caio deitou o corpo para trás, cruzando os braços atrás da cabeça. — Podem ir.

Deixamos ele para lá e seguimos a fila para tomar banho, porém acabou sendo bem menos organizado do que o previsto, pois enquanto um tomava banho, o outro batia na porta falando que quem estava na vez estava demorando demais.

Felizmente, a água não esfriou, porque era aquecida pelo fogão a lenha e meu avô avisou que isso poderia acabar acontecendo.

Depois da disputa que foi o banho, nós nos reunimos na cozinha, já noite, para jantar. A vovó fez caldo de mandioca. Isso eu me recordava de ter comido, mas não sabia exatamente onde.

Estava sendo bem mais atrapalhado e desconfortável do que as viagens de férias que eu costumava fazer, porém, não podia negar que estava gostando e me divertindo.

Acabamos o jantar e nos reunimos em roda sobre os troncos velhos de madeira que o meu avô havia colocado ali para usarmos como banco. Cecília se aventurou a acender a fogueira e eu fiquei grata por isso, pois enquanto ela mostrava grande habilidade, eu não saberia por onde começar.

Estávamos todos reunidos e conversando quando a minha mãe apareceu com um saco enorme de marshmallow.

— Eu só fui experimentar isso quando fui para a cidade grande, mas nós vemos muito em filmes e imaginei que pudessem gostar.

— Obrigada, mãe! — Peguei o saco das mãos dela.

— Eu estou lá dentro com os gêmeos, mas qualquer coisa vocês me chamam, tudo bem?

— Pode deixar que a gente se cuida, Cíntia — garantiu o Arthur, todo se achando.

— Estou contando com isso. — Mamãe piscou para ele antes de voltar para o interior da casa.

Henry pegou um dos marshmallows do saco e o espetou em um palito de churrasco antes de o aproximar da fogueira, levando todos nós a fazer o mesmo.

Na hora de dormir, Henry me puxou para um banco perto do lago e a

pouca luz da fogueira que chegava até ali nos deu privacidade. Não que eu tivesse medo do escuro, nunca fiz o tipo medrosa, mas não gostava de ficar em locais escuros que eu desconhecia, mas a presença do Henry fez com que eu me sentisse tranquila.

Tombei a cabeça sobre o ombro dele enquanto observava o céu. Nunca havia visto tantas estrelas antes. Era muito lindo.

Ele esticou a mão e fez carinho no meu rosto. Suspirei. Era tão gostoso, que eu queria mais e mais. Meu namorado puxou meu queixo com carinho e, quando percebi, sua boca já estava na minha. Era uma sequência de calafrios e borboletas no estômago muito boa e, ao mesmo tempo, muito desconcertante.

Quando o amasso começou, eu não quis que ele parasse. Aquilo era muito gostoso. Só me afastei quando percebi que uma das mãos dele havia parado dentro da minha blusa.

— Acho melhor irmos dormir — minha voz saiu falhada pelo ofego.

— Você tem razão. — Ele se levantou e me deu um selinho até me puxar para perto das barracas onde estavam os outros.

Quando me deitei no colchão inflável e puxei o cobertor sobre mim, lembrei-me da conversa que a minha mãe havia tido comigo sobre o que eu queria ou não fazer. Esperava que conseguisse me decidir pela melhor escolha.



Lecilia

Capítulo

Treze

— Espera! — Caio segurou o meu pulso quando me levantei para ir para a barraca que eu dividiria com a minha irmã pela próxima semana.

— Quer conversar?

Ele fez que sim e caminhamos para mais longe, na direção de onde a Charlotte e o Henry estavam voltando. Percebi, pelo olhar do meu melhor amigo, que ele estava desconcertado, mas feliz.

Sentei no banco de pedra e o Caio jogou o corpo ao meu lado.

— Quer falar sobre os seus pais? Deve estar sendo muito difícil para você passar por isso. Meus pais passaram tanto tempo separados que, agora que finalmente estão juntos, não consigo imaginá-los separados. Ficaria triste demais se eles decidissem fazer isso algum dia. Ainda mais com o seu pai cogitando ir para a Europa.

— Não quero falar sobre isso. — Ele apertou a minha coxa e eu pulei no banco com o susto. Não estava preparada para que ele fizesse isso tão repentinamente.

— Caio, por favor, não faz isso. — Puxei a mão dele e a tirei da minha coxa.

— Ah, Cecília, para! Fica parecendo que você nem me quer. Que droga de namoro é esse?

— Eu quero você, só não quero fazer isso, não agora.

— Aposto que se aquela sua foto não tivesse parado na internet, você teria feito com aquele inglês que nem conhecia direito.

— Eu não teria feito, não!

— Está mentindo.

— Quem é você para saber?

Caio se levantou do banco, bufando. Estávamos no escuro e a luz da lua não era o suficiente para me permitir ver o seu rosto.

— Pois é, quem sou eu, né? Você diz que me ama, mas acho que está mentindo.

— Como pode dizer isso?

— Estou há um ano esperando e nada. Aposto que faria com qualquer um, mas não quer fazer comigo.

Senti as lágrimas pesarem nos meus olhos e elas escorreram incessantemente pelas minhas bochechas, sem que eu conseguisse contê-las.

— Você está me ofendendo.

— Foi você quem começou.

— Achei que tivéssemos superado aquela foto. — Passei as costas das mãos pelo rosto, tentando afastar as lágrimas que não paravam de cair.

— Só vamos superar quando você parar de preferir um cara estranho a mim. Ou talvez eu que seja um idiota. Poderia ter tido um monte de meninas, mas sou bobo e fico esperando a minha namorada que não me quer.

— Não é desse jeito que você vai fazer com que eu me sinta segura.

— Desculpas e mais desculpas, Cecília. Fala a verdade e diz que você não me quer.

— Eu não aguento mais isso, Caio. Você disse que tinha me perdoado pelo o que aconteceu, que ficaríamos bem, mas não perdoou coisa nenhuma.

— Eu quero fazer sexo.

— Mas eu não quero. Temos dezesseis anos e podemos esperar um pouco mais.

— Estou cansado das suas desculpas. — Ouvi seus passos e percebi que ele estava se afastando.

Ele agindo daquele jeito comigo estava me deixando com tanta raiva que a minha vontade era empurrá-lo dentro do lago.

— Meu pai está certo. Tenho que deixar esse lugar e ir embora com ele.

— Ele está certo mesmo. Vai embora com ele! — Deixei que a minha fúria estravasse, mas estranhamente não tive medo de me arrepender daquelas palavras.

— Está terminando comigo? — Ele voltou a se aproximar e vi o brilho da lua nos seus olhos.

— Eu já deveria ter feito isso quando você começou a me pressionar para fazer algo que eu não quero. — Estava doendo, mas, no fundo, havia um grande alívio por estar fazendo aquilo. Meu namoro já não estava mais funcionando com o Caio há muito tempo.

— Nem deveria ter vindo para esse fim de mundo. — Percebi que ele foi embora e eu saí correndo o mais rápido que pude. Não queria que as pessoas vissem as minhas lágrimas, pois no fundo, por baixo da dor e da perda, havia alívio.

Puxei o zíper da barraca e a fechei por dentro, jogando-me sobre o travesseiro. Ali, as lágrimas desceram sem controle.

— O que aconteceu? — Charlotte saiu debaixo do seu cobertor e veio para o meu colchão, afagando os meus ombros.

— Caio e eu terminamos, acho que agora é para sempre.

— Ah, Ceci, eu sinto muito.

— Acho que foi melhor assim. — Esfreguei os olhos com as pontas

dos dedos, tentando parar de chorar.

— Preciso concordar com você. Nunca achei que vocês dois fossem dar certo. Ele sempre foi um escroto e, às vezes, nem todos os escrotos têm conserto.

— Eu sei que eu errei mandando aquela foto, mas não aguentava mais ele jogando isso na minha cara, alegando que eu tenho que fazer sexo com ele. Eu não tenho e eu não quero.

— Você não tem. — Charlotte me abraçou mais apertado e eu chorei no ombro dela até pegar no sono.



Charlotte
Capítulo

Quatorze

Assim que a minha irmã pegou no sono, saí da barraca bufando como um touro e encontrei o Caio sentado sozinho perto da fogueira. Parti para cima dele e o agarrei pela gola da camisa. Se eu fosse um pouco mais forte, teria o erguido no ar, porém, apenas o sacode foi o suficiente para assustá-lo.

— O que a sua irmã disse?

— Que você é um babaca, mas isso nunca foi uma surpresa.

— É ela quem acha que pode ser uma piranha com todo mundo e comigo tem que bancar a santinha...

Ele nem terminou a frase direito, pois, no meio da ofensa, acertei sua bochecha com um soco e fiz a sua cabeça balançar.

— Pode me bater se acha que ela está certa.

— Mas ela está certa, seu idiota! Se ela diz que não, é não. Sem bancar o idiota e sem ficar insistindo.

— Quem é você para me dizer uma coisa dessas? Já te vi com o Henry na maior pegação diversas vezes.

— Isso não tem nada a ver; qualquer coisa que eu faço ou deixo de fazer com o meu namorado não é da sua conta.

— Nós já fomos amigos.

— Convenhamos que até como amigo você sempre foi um grande babaca.

— Não se preocupa. Eu vou embora. — Chutou a grama.

— É a melhor coisa que você pode fazer. — Soltei a gola da camisa

dele e Caio caiu sentado no banco de madeira.

— Me faz um favor, pede o seu pai para me levar para um hotel ou qualquer coisa perto dessa joça onde eu possa esperar um motorista vir me buscar, de preferência onde pegue telefone.

— Eu vou falar com ele.

Caminhei para a casa e entrei pela porta da sala, que estava aberta. Tudo parecia muito silencioso até que ouvi o choro de um dos meus irmãos que me guiou para o quarto onde estavam os meus pais.

A porta estava aberta e a luz acesa. Vi que os dois estavam debruçados sobre a cama, provavelmente, trocando as fraldas dos bebês.

— Pai? — Bati na porta de leve para chamar a atenção deles.

— Oi, filha! — Ele jogou a fralda suja em uma sacola antes de me dar atenção. — Aconteceu alguma coisa?

— O vovô disse que tem uma cidade aqui perto, lá deve ter um hotel e uma rodoviária, né?

— Tem uma rodoviária sim, morceguinha, mas por que está me perguntando isso? — foi a minha mãe que respondeu.

— A Cecília e o Caio terminaram de vez e eu torço para que ela não volte com aquele idiota de novo. O senhor pode levar ele para essa cidade, pai? Acredito que o pai dele possa enviar alguém para buscá-lo.

— Tem certeza que ele quer ir? — Meu pai estava receoso e tentava analisar friamente a situação. Não estranhei a pergunta dele, pois não sabia com exatidão o que havia acontecido.

— Se ele continuar aqui, a Cecília vai jogar ele no lago. Se ela não jogar, eu jogo. — Estufei o peito, assumindo a minha melhor postura ameaçadora.

— Eu vou ao banheiro e já levo ele.

— Obrigada, pai.

Ele passou por mim e a minha mãe me encarou, séria.

— O que aconteceu, Charlotte?

— Acho melhor você perguntar para a Cecília, mãe, mas é melhor amanhã quando ela acordar.

Minha mãe assentiu, mas percebi que ela estava desconfiada para caramba. Achei melhor não adiantar o assunto, pois não sabia o que a Cecília queria ou não contar para os nossos pais.

Meu pai saiu do banheiro e foi até a área das barracas, onde o Caio já estava esperando perto da mala. Eles subiram no ônibus e observei o ex da minha irmã ir embora sem olhar para trás. A Cecília sempre foi doce demais para um cara como ele e merecia alguém que a tratasse com mais carinho.



Lecilia

Capítulo

Quinze

Acordei com o sol raiando e o cantar do galo. Minha irmã estava apagada quando saí da barraca, mas não foi uma surpresa que ninguém ainda tivesse acordado. Tentei pensar que o meu término com o Caio tinha sido um pesadelo e que não dissemos aquelas coisas horríveis um para o outro, mas meus olhos inchados de tanto chorar era a prova que eu precisava para ter a certeza de que havia acontecido.

— Cecília! — Ouvi o chamado da minha mãe vindo da entrada da casa e vi que ela estava sentada em uma cadeira de balanço, ninando um dos gêmeos.

Fui até a sala, peguei uma cadeira de madeira, e sentei ao lado da minha mãe.

— Valentim está inquieto? — Estiquei a mão para tocar o cabelo preto e ralo do meu irmão.

— Acordou cinco horas da manhã e não quis mais dormir. Ficou chorando até pegar ele no colo.

— Eu dava esse trabalho todo? — Abri um sorriso amarelo.

— Dava, sim! — Minha mãe gargalhou. — Mas é gostoso, sinto falta de quando você era pequena assim e eu só precisava me assegurar de que você estava segura, confortável, e bem alimentada.

— Com certeza era uma época mais fácil. — Coloquei as mãos sobre os joelhos, massageando-os enquanto encarava o chão.

— O que aconteceu com você e o Caio? Sua irmã falou que vocês terminaram e o seu pai saiu tarde da noite para levar ele para a cidade

vizinha. Voltou quase agora, quando o motorista do Bernardo chegou para buscar o garoto.

— Ele foi embora? — A notícia me surpreendeu, não imaginei que ele daria um jeito de ir embora tão rápido.

— Foi. Sua irmã não quis me contar o que aconteceu, estou esperando vir de você. — Quando a mamãe me lançava aquele olhar, sabia bem que não me restava outra alternativa que não fosse contar a verdade para ela.

— Não estávamos bem.

— Isso eu já tinha percebido. Ainda era por causa da foto?

— Meio que sim. Ele queria que eu fizesse o que eu não queria fazer. Eu dizia que não, mas o Caio sempre falava que para outro cara... — Mordi o lábio e tentei não chorar feito louca de novo, mas estava difícil *pra* burro. — Não é porque eu mandei a foto, que eu ia transar com o James, que eu queria transar com ele. O Caio achava que sim e estava usando isso para me obrigar a fazer com ele, só que eu não queria, mãe.

— Ah, filha. — Ela acariciou meu ombro e me abraçou como pode, enquanto equilibrava o meu irmão nos braços. — Você fez certo, não poderia ficar com ele te obrigando a fazer uma coisa que você não queria. Tudo tem o seu tempo, Cecília, não precisa se precipitar para fazer nada. Quando tomar essa decisão tão importante, precisa ter certeza de que é isso que você quer, sem estar sendo influenciada por ninguém. Aquela foto foi um erro enorme, porém, você não pode cometer outros erros por causa dela.

— Sei que, se ele não respeita o meu tempo, não é o cara certo, mas sinto que estou perdendo o grande amor da minha vida. — Esfreguei os olhos, tentando afastar as lágrimas, outra vez.

— Ele é só o primeiro, querida. Vai te marcar, mas não significa que seja o cara certo.

— Com a senhora e o papai foi.

— Seu pai não foi o meu primeiro namorado.

— Não?! — Fiquei de boca aberta. Nunca tinha perguntado sobre aquilo diretamente para a minha mãe, mas como ela havia passado quatorze anos, praticamente, esperando pelo meu pai, imaginei que não tivesse outro homem que ela amasse no mundo.

— Eu tive um namorado, o nome dele era Leonardo, e eu o deixei quando me mudei para Bela Vista. Conheci seu pai na faculdade. Quando voltei para cá com você, ele se ofereceu para criá-la, mas ele acabou morrendo em um acidente alguns dias depois.

— Que horrível, mãe! Eu sinto muito.

— Querida, só quero que você entenda que o primeiro não é o único. Pode haver outros e outros, e você vai escolher aquele que fizer você mais feliz.

— Obrigada, mamãe! — Levantei e dei um beijo na bochecha dela.

— Vai voltar a dormir?

— Não, vou para a casa na árvore.

Eu corri e corri, olhando para a fazenda à minha volta, me recordando de cada parte dela e de como algumas coisas eram durante a minha infância. Eu ainda estava triste, mas, no fundo, me sentia mais leve. Estava começando a aceitar que o Caio poderia ser o primeiro, mas ainda não era o cara. Eu só tinha dezesseis anos, como a mamãe cansava de repetir, nada precisava acontecer com pressa.

Subi a escada da casa na árvore e me sentei no colchão. Tateei o bolso e percebi que o meu celular estava no meu short, provavelmente havia o colocado ali pelo hábito. Peguei ele e percebi que naquele ponto da fazenda eu tinha sinal. Era apenas um pontinho e os dados móveis não funcionavam,

mas era o suficiente para fazer uma ligação.

Achei o número do Peter na minha agenda e liguei. Sem saber o motivo do meu impulso, apenas liguei. Acreditava que chamaria até cair, pois ainda eram seis da manhã, mas para a minha surpresa, ele atendeu após alguns toques.

— Cecília?

— Acordei você?

— Não. Acabei de levantar, gosto de sair para correr de manhã cedo. Como você está? Meu pai disse que vocês foram para a casa dos pais da sua mãe e imagino que, por isso, você não está respondendo as minhas mensagens.

— Você me mandou mensagem? — Tentei não deixar que a minha voz transparecesse o meu espanto, mas não sei se consegui.

— Mandeí. Só queria saber se você estava bem.

— Eu tô.... Sei lá! Mais ou menos.

— O que aconteceu, docinho?

Podia soar muito brega, mas eu amava quando ele me chamava daquele jeito.

— Caio e eu terminamos. Agora eu acho que é de uma vez por todas. Estou começando a achar que nem deveríamos ter voltado da última vez.

— Que b... — Ele deu uma pausa e imaginei que estava procurando a palavra certa para me dizer. — Que chato, mas imagino que tenha sido melhor assim.

— Foi. Está doendo, mas eu sei que foi.

— Vocês não estavam bem desde a festa dos seus irmãos.

— Não estávamos bem há mais tempo que isso. Deixa isso para lá! —

Inspirei profundamente. — Eu vou virar a página.

— Isso é ótimo! Quero ver você sorrindo.

— Obrigada, Peter.

— Não precisa me agradecer por isso.

— Queria que você estivesse aqui. É sempre tão gentil comigo. —
Minha barriga roncou e eu me encolhi. — Peter, vou desligar para tomar
café. Foi bom falar com você.

— Estou muito contente que tenha me ligado. Até quando você vai
ficar por aí?

— Até a semana que vem, por quê?

— Nada, só pensando em quando vou vê-la de novo.

Minhas bochechas coraram, mas pensei que poderia ser muito mais
mera impressão minha do que o Peter dizendo algo sério.

— Tchau, Peter.

— Até depois, Cecília.

Suspirei, abraçando o telefone. A última vez que me envolvi com um
cara mais velho, depois que tinha terminado com o Caio, as coisas não
havam acabado muito bem, porém, tinha a sensação de que tudo poderia
tomar um caminho diferente. Esperava não estar errada.



Charlotte
Capítulo

Dezesseis

Acordei com a Katarina colocando a cabeça dentro da minha barraca. Tomei um susto enorme e saí empurrando o cobertor.

— Todo mundo já acordou.

— E daí? — Fechei a cara.

Katarina era a minha melhor amiga, mas estava aparecendo a Dalva quando tentava me acordar pela manhã.

— O pessoal já foi tomar café. Só não vimos o Caio e a sua irmã. Devem ter passado a noite em outro lugar. — Piscou para mim, fazendo dezenas de suposições mentais, que eu abominei de imediato.

Olhei para o lado e me certifiquei de que a minha irmã não estava no meio do embolado de cobertores.

— O Caio foi embora ontem. Não sei cadê a minha irmã, mas pode apostar que eles não estão juntos, porque terminaram.

— De novo?

— De uma vez por todas.

— Acho que até demorou. — Ela mexeu no cabelo vermelho, que estava um pouco desgrenhado, e o jogou para trás. — Eles nunca tiveram nada a ver.

— Nisso vou ter que concordar. — Cocei o meu braço e virei para olhar o que era. Ele estava vermelho e com um enorme calombo. Não me lembrava se havia passado repelente depois do banho, porém, considerando toda a coceira pelo meu corpo, era sinal de que os mosquitos haviam feito uma festa e o meu sangue tinha sido a bebida principal.

Peguei minha *nécessaire* com escova de dentes, pente de cabelo, e creme antes de sair da barraca e ir até o único banheiro da casa. Enquanto na mansão havia banheiros demais, um banheiro só era definitivamente de menos.

Bati na porta e ouvi a Letícia gritando lá de dentro que estava ocupado. Enquanto esperava, peguei o pente e passei pelos fios do meu cabelo tingido de preto. Eu o havia pintado para fazer com que o meu pai não se lembrasse tanto da minha mãe, porém, depois que ela voltou para as nossas vidas, não havia mais justificativas para isso. Contudo, aquele cabelo preto havia se tornado parte do que eu era, além de me distinguir da minha irmã gêmea.

Letícia abriu a porta e eu corri para dentro, mas me deparei com uma catinga que fez o meu estômago embrulhar. Não sabia se tinha sido ela ou alguém que havia utilizado o banheiro antes. Encontrei um aromatizador no armário e o espirrei pelo banheiro todo antes de ter coragem de escovar os dentes. Aquela semana ali me faria sentir muita falta do banheiro individual que possuíamos em casa.

Saí do banheiro e fui para a cozinha onde todos estavam sentados ao redor da mesa, tomando leite, café, e comendo pão de queijo.

— Vocês dormem demais — resmungou o meu avô, tirando o chapéu e mostrando o cabelo ralo que cobria o topo da sua cabeça. A pouca penugem o deixava a um passo de ser careca.

— Quer dizer que não vamos mais tirar leite hoje? — Arthur tomou um gole do seu leite.

— Ah, vão sim! — Deixei uma das vacas para vocês ordenharem.

Fizemos caretas e os adultos riram.

— É só deixarmos a Cecília fazer, ela entende dessas coisas. — Letícia não parou de olhar para o pão de queijo que cortava para colocar requeijão

dentro, imaginei que estivesse com medo de se distrair e acabar cortando a mão.

— Por falar nisso, cadê ela e o Caio? — Arthur olhou em volta e viu que a minha irmã e o ex-namorado não estavam sentados à mesa.

— O Caio foi embora.

Todos nós viramos para o anúncio da Cecília no momento que ela entrou na cozinha. Confesso que estava com uma cara bem melhor do que imaginei depois de toda a choradeira de ontem.

— Nós dois terminamos — completou, respondendo à pergunta que estava em vários olhares.

— Ah, é? — Um sorriso surgiu nos lábios da Letícia e o Arthur deu uma cotovelada nela.

— Você sossega.

— Não fiz nada. — Deu de ombros, colocando o pequeno pão de queijo na boca.

Arthur apenas balançou a cabeça em negativa. Estava visivelmente irritado, imaginei que, mesmo após o término, ele ainda sentisse alguma coisa por ela.

— Você *tá* legal, Cecília? — Katarina perguntou, e eu fiquei contente por ver uma real preocupação nela.

— Estou, sim. Valeu por perguntar.

— Vamos logo para o curral que a vaca precisa ser ordenhada — anunciou meu avô em um tom de general, como se nós fossemos o seu pelotão.

Peguei mais um pão de queijo, que estava delicioso, e segui com o restante do pessoal para fora da cozinha. Felizmente eu estava de tênis,

porque fiquei imaginando que trágico seria andar com qualquer tipo de salto morro acima e num caminho de terra batida.

— Garotada, esse é o Tadeu. — Meu avô apontou para um cara de chapéu de palha, que estava trazendo uma vaca para perto de nós. — Ele trabalha aqui na fazenda e me ajuda a cuidar da criação.

— Oi, Tadeu! — Acenei para ele.

— Essa é a minha netinha que nunca tinha vindo aqui. — Meu avô passou o braço ao redor dos meus ombros e me puxou para ele, quase me espremendo contra o seu peito.

— Parece muito com as fotos que tem lá na sua casa, Seu Geraldo.

— As fotos lá são minhas. — Cecília chegou mais perto para que o homem pudesse nos ver uma ao lado da outra. — Somos gêmeas.

— Ah, tá explicado! São bonitas as suas netas.

— Obrigado. — Meu avô ficou com um sorriso enorme.

— Quem vai tirar o leite da Estrela?

— A Charlotte! — Minha irmã me empurrou pelos ombros e eu rosnei para ela. *Traíra!* Eu tinha dado um passa fora no ex-babaca dela e era assim que me retribuía, me jogando na fogueira, sem dó? Ia ter volta.

Tadeu pegou um banquinho de madeira e colocou ao lado da vaca. Enquanto ele higienizava as tetas do animal com algum produto, meu avô me deu álcool para passar nas mãos. Sentei no banquinho e o empregado ficou do outro lado.

— Você pega assim e puxa, menina. — Fez primeiro para que eu visse e aprendesse. Ele puxou a teta e o leite espirrou dentro do balde de metal.

— Nem é difícil — comentou a Cecília, e eu a fuzilei com o olhar.

Era só ordenhar uma vaca. O que de tão terrível poderia acontecer?

Pensei aquilo cedo demais, pois, quando puxei a teta, o leite não esguichou no balde, mas acabou fazendo algum tipo de curva maluca e molhou a minha camiseta.

— Droga! — praguejei enquanto todos riam da minha cara.

— Deu ruim aí, Charlotte? — Arthur veio para perto de mim com a expressão carregada de deboche. A minha vontade foi de pegar aquele balde e dar na cabeça dele.

— Vem aqui e faz então, bonzão. — Levantei, irritada, e o sorriso desapareceu dos lábios dele quando percebeu que eu estava falando sério.

— Acho melhor não. — Ele recuou alguns passos para trás.

— Cagão!

— Só prefiro ser cavalheiro e não humilhar você em público.

— Tô vendo.

— Deixa que eu faço. — Katarina estendeu as mãos para que meu avô colocasse gel nas suas palmas. Ela esfregou uma mão na outra antes de se sentar no banquinho de madeira que estava sendo tão mal visto.

Fiquei observando, enquanto ela colocava as mãos sobre as tetas e as puxava, como se houvesse ordenhado durante a vida toda.

— Ah, *tá* roubando — resmungou o Arthur, chato.

— Meus pais me levaram em uma fazenda uma vez. — Katarina deu de ombros.

— E você não falou nada? — Coloquei as mãos na cintura e fiz bico. Primeiro a Cecília me trolava, agora ela, estava começando a achar que era um complô.

Henry chegou mais perto e ficou observando como Katarina fazia antes de pedir para tentar. Meu namorado certamente se saiu melhor do que eu.

Ainda me surpreendia com a velocidade com que ele fazia e aprendia as coisas.

Deixei-os lá, brincando de tirar leite de vaca, e voltei para o acampamento. Iria tomar um banho e colocar roupas limpas. Por mais que estivéssemos no meio do nada, longe de tecnologia e paparazzis, não queria passar o restante do dia suja de leite.

Ficava irritada quando não conseguia fazer as coisas. Esperava encontrar menos frustrações naquela fazenda do que tinha a sensação que encontraria.



Lecilia

Capítulo

Dezessete

Depois do quase desastre ordenhando a vaca, nós saímos do estábulo e fomos para o pomar chupar algumas frutas direto do pé. Porém, não fiquei com a galera, fui atrás da minha irmã, que ainda não havia voltado para junto de nós.

— Charlotte — sentei ao lado dela no banco diante do lago –, foi mal, não achei que você fosse ficar brava, era só tirar leite.

— Foi péssimo. — Ficou de cara fechada.

— Desculpa. Não sabia que iria ser tão difícil; eu acho fácil.

— Tem algumas coisas que são fáceis para você que não são pra mim.

— E vice-versa!

— É!

Nós rimos juntas e nos abraçamos. Percebi que o mal-estar se desfez e estávamos bem novamente. Éramos irmãs e não queria que ela ficasse irritada comigo. Apenas nos separamos do abraço quando ouvimos o barulho de um carro entrando no quintal da fazenda. Achei estranho; pensei que pudesse ser algum dos irmãos da minha mãe, já que nenhum havia aparecido para nos ver. Porém, assim que eu me virei, vi um carro que não tinha nada a ver com roça, parecia um dos carros que o meu pai tinha estacionado na garagem. O vidro era escuro e a lateral preta estava suja de poeira.

— Sabe quem é? — Charlotte desceu a pequena escada na varanda da casa e eu fui atrás dela, curiosa para ver quem era.

— Não faço ideia.

— Mas você não conhece tudo por aqui?

— A placa é de Bela Vista, não é alguém daqui.

Senti um calafrio ao pensar na possibilidade de que o Caio tivesse mudado de ideia e decidido voltar. Mas a minha surpresa foi ainda maior quando a porta do motorista foi aberta e alguém desceu dela.

— Peter!

— Oi, docinho. — Ele tirou os óculos de sol e me encarou com os olhos azuis e um sorriso charmoso.

— O que está fazendo aqui? — Charlotte correu até ele e o abraçou.

— Liguei para o seu pai e perguntei se poderia me juntar à festa. Ele me deu o endereço e eu vim.

— Você veio sozinho e dirigindo de Bela Vista para cá? — Eu ainda estava boquiaberta e permaneci parada alguns centímetros dele.

— Essa é uma das vantagens de já se ter dezoito anos e um carro. — Ele colocou a chave dentro do bolso e manteve o sorriso.

— Eu vou ver onde o Henry está. É bom você ter vindo, Peter. — Minha irmã deu um beijo no rosto dele e desapareceu de vista. Fiquei com o pressentimento que ela havia nos deixado sozinhos de propósito.

— Não podia imaginar que você ia vir para cá. — Abaixei a cabeça, fitando o chão e os tênis pretos que ele usava, envergonhada.

— Você disse que queria que eu estivesse aqui. Bom — segurou o meu queixo e levantou a minha cabeça, fazendo-me encará-lo —, cuidado com o que deseja.

— Que bom que você veio. — Sorri, ainda sem graça, ao me perder nos olhos dele.

— Então foi aqui...

— Peter! — A frase dele foi interrompida por um grito da Katarina,

que correu na direção dele e se colocou entre nós dois, jogando-se nos braços do cara como se tivessem a maior intimidade do mundo. Isso meu deu uma pontadinha incomoda no peito e me deixou com raiva, porque sentia que estávamos tendo um momento ali.

— Ei, Katarina.

— Que incrível, não sabia que você iria vir.

— Acabei decidindo de última hora.

— Mas que bom que veio. — Ela passou o braço ao redor do dele e o puxou na direção do lago. — Tem zero comodidade, mas até que é legal.

— Eu já acampeei antes, acho que consigo me virar.

— Que ótimo!

Observei ela levá-lo para longe de mim. Deixei-os para lá e fui para a cozinha ajudar a minha mãe e a minha avó a limpar as coisas do almoço. Não sabia se era certo me sentir incomodada com outra pessoa tirando a atenção do Peter de mim.



Charlotte
Capítulo

Dezoito

Fui encontrar o meu namorado, que estava escorado na cerca, observando os cavalos que pastavam sobre o capim verde.

— Oi! — Escorei a cabeça no ombro dele.

— Legal as coisas aqui, né? Tô curtindo para caramba o passeio. Obrigado por ter me chamado.

— Que bom que você está gostando, mas acho que esse lugar talvez não seja tão interessante para mim. — Cocei um calombo vermelho no meu antebraço. Tinha perdido as contas de quantas picadas de mosquito tinha pelo corpo.

— Com o tempo você se acostuma. — Ele fez carinho no meu rosto, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

Sorri ao encarar seus olhos negros e puxados. Ele sorriu de volta e covinhas se formaram nas suas bochechas. Eu o achava muito lindo com seus traços orientais e muito fofo.

— O Tadeu disse que, mais tarde, quando o sol baixar um pouco, ele vai selar os cavalos para que possamos andar. Estou superansioso. Nunca andei a cavalo antes.

— Eu também não, mas depois da experiência com a vaca mais cedo, não sei se vou encarar.

— Podemos andar juntos. Aí um ajuda o outro. — Ele afagou a minha bochecha e me deu um selinho, mas, antes que se afastasse, segurei a sua nuca, e aprofundei um pouco mais o beijo.

Eu amava ter os lábios dele nos meus e seu corpo tão próximo quanto

possível. Tinha a sensação de que o Henry se sentia da mesma forma.

— Quem chegou de carro? — Afastou-se do beijo, mas manteve os braços ao redor da minha cintura.

— O Peter. — Segurei os seus ombros sem desviar meu olhar.

— O que ele veio fazer aqui? — Franziu o cenho. — Não é que ele não seja amigo, mas sei lá, achei estranho ele aparecer assim, meio do nada.

— Acho que ele veio atrás da Cecília. Se eu tivesse que apostar, diria que estão tendo alguma coisa.

— Mas ela mal terminou com o Caio.

— O Caio vai embora e o Peter aparece logo em seguida, isso não significa algo para você?

Henry mordeu o lábio inferior, pensativo.

— Achei que ela gostasse do Caio, mas faz tempo que eu e a sua irmã não sentamos para conversar.

— O Caio estava pressionando a Cecília para transar e a minha irmã não queria. Acho que ele estava alegando que, por causa daquela foto, ela tinha que fazer isso com ele.

— Que imbecil! Tadinha da Cecília.

— Pois é! Acho que foi bom eles terminarem.

— Pelo o que parece, foi sim. Charlotte... — ele me chamou, mas parou no meio da frase, percebi que o que quer que quisesse falar comigo, o deixou desconfortável.

— O que foi, amor? — Passei a mão pelo seu cabelo, puxando os fios negros para trás.

— Não quero que você ache que eu tô te pressionando. Só que às vezes, a gente se beija e a situação meio que sai do controle.

— Relaxa, Henry. — Continuei sorrindo e o encarando. — Você sempre foi megadiferente do Caio. Não sei o que quero ainda, mas não vamos nos preocupar com isso.

— Sim, não se preocupa. — Ele me deu outro selinho.

— Vamos voltar lá para junto da galera?

Segurei a mão dele e seguimos para onde o grupo estava se reunindo. Arthur parecia ter arrumado uma vara de pescar e estava sentado às margens do lago, pescando, ou tentando. Porque, assim como eu, ele parecia não levar muito jeito com as coisas.



Lecilia

Capítulo

Dezenove

Terminei de secar alguns pratos e os guardei em um armário. Mamãe tinha saído para alimentar os gêmeos e acabou me deixando sozinha limpando a bagunça do almoço. Eu não me importava de lavar vasilhas, principalmente quando isso servia de desculpa para evitar o Peter e a pressão de tê-lo ali.

Cuidado com o que deseja. Lembrei da frase que ele disse e me perguntei por que parecia errado desejar que ele estivesse ali.

— Cecília?

Tomei um megassusto e deixei que o copo caísse da minha mão. Por sorte, ou por obra do destino, era um copo de plástico.

Agachei-me para pegar e acabei batendo a minha cabeça na do Peter, que agachou no mesmo momento que eu.

— Ai! — Afastei, massageando a minha testa.

— Machuquei você? — Peter colocou o copo na bancada da pia e segurou o meu rosto com as duas mãos, para que pudesse ver a minha testa.

— Não, eu tenho uma cabeça dura.

Ele balançou a cabeça e gargalhou com a minha piadinha.

— Ah, Cecília, você é hilária.

Não sabia o que dizer. Virei para pia e enxaguei o copo novamente, antes de secar e colocar no armário.

— Você sumiu quando eu cheguei.

— Tinha que ajudar a minha avó e você parecia bem enturmado com a

Katarina. Achei que ela fosse apresentar a fazenda para você.

— Sabe que eu não vim para cá por causa dela.

— Não precisava ter vindo. — Continuei enxaguando alguns pratos, usando isso como desculpa para não olhar diretamente nos seus olhos.

— Eu quis vir. — Ele pegou o prato molhado da minha mão e o pano de prato do meu ombro para secar e me ajudar.

— Obrigada. — Voltei a sorrir, pois, por mais desconfortável que me pareceu no primeiro momento, eu estava contente por tê-lo ali. A presença dele sempre me fez bem.

Peter não falou mais nada até terminarmos de limpar e guardar todas as vasilhas da cozinha.

Sem mais desculpas, eu virei e o encarei. Peter estava perto de mim e não consegui evitar que o meu coração batesse descompensado. Parecia errado reagir daquele jeito a presença dele, depois de mal ter terminado com o Caio, mas não conseguia impedir.

— Eu conheço a Charlotte a minha vida inteira. Sempre fomos quase como irmãos, mas, às vezes, era estranho, porque esse rosto estava sempre nos meus sonhos. — Ele tocou a minha bochecha e foi impossível suprimir o suspiro. — Aí você apareceu e eu descobri que não era sobre ela, mas, sim, sobre você. Vocês duas têm o mesmo rosto, mas, fora isso, são completamente diferentes. Não há nada de fraternal no que sinto por você.

Fiquei completamente paralisada; não esperava que o Peter fosse aparecer de surpresa e fazer aquele tipo de declaração na cozinha dos meus avós, após eu ter lavado uma pilha enorme de louças.

— Já acabou, filha? Ah, Peter! — Minha mãe entrou na cozinha, deparando-se com ele e o obrigando a se afastar de mim, interrompendo, mesmo que, momentaneamente, toda aquela tensão.

— Oi, Cinthia. — Ele foi até a minha mãe e deu nela um abraço.

— Tudo bem com você, garoto? E os seus pais?

— Está tudo bem sim, meus pais estão ótimos. Minha mãe viajou para a França com algumas amigas e meu pai está nos Estados Unidos resolvendo algumas coisas da empresa.

— Que ótimo! Vitor me falou que talvez você viesse para cá, mas não imaginei que fosse ser assim tão rápido. Está com fome? Posso esquentar o almoço para você.

— Não precisa, obrigado. Eu parei em um restaurante na estrada.

— Que bom, mas se precisar de alguma coisa, você me fala.

— Pode deixar. Obrigado por me receber.

— Aqui sempre tem espaço para mais um. — Minha mãe manteve toda a pose de alegria, mas consegui ver nos seus olhos que ela estava se perguntando e perguntando a mim o motivo do Peter estar ali. Não queria pensar no que poderia estar passando pela sua cabeça e o quanto da declaração constrangedora do Peter ela havia ouvido.

— Vamos lá para fora. — Peguei a mão dele e o puxei comigo. Tinha medo de ter um troço se permanecesse ali. — O Tadeu vai trazer alguns cavalos para nós andarmos neles.

— Toma cuidado, filha — disse a minha mãe, e eu não sabia se ela estava se referindo a andar de cavalo ou a presença inesperada do Peter.

Só soltei a mão dele quando chegamos perto das barracas e percebi que os meus dedos estavam escorregadios pelo meu suor frio.

Estávamos perto do restante da turma e percebi que o Peter não arriscaria a tocar no assunto ali.

— Meninada! — Meu avô se aproximou de nós, puxando dois cavalos

e o Tadeu veio logo atrás dele com mais dois. — Eu só tenho quatro animais, então vocês terão que fazer duplas e podem revezar quem guia.

— Eu não vou subir nisso não. — Letícia fez uma careta. — Vai que eu caio e nem tem hospital por perto, nem helicóptero para fazer um resgate aéreo.

— Não seja exagerada! — Katarina cruzou os braços e fez bico. — Peter, vamos juntos. Sei que vai me proteger se eu cair.

— Nunca andei a cavalo antes; acho que vou com a Cecília. — Ele colocou as mãos sobre os meus ombros. Eu sabia que ele estava mentindo, porque me lembrava de tê-lo visto montado em um cavalo em uma das fotos na casa dos pais dele.

— Posso ir com você, menina — ofereceu o Tadeu.

— Eu vou sozinha, obrigada.

Deixaram o cavalo um pouco mais arreado para mim devido a minha habilidade com montaria e os demais ficaram para a Charlotte e o Henry, Katarina e Arthur, que montaram sozinhos.

Peter foi o primeiro a subir no cavalo e me estendeu a mão para que eu me juntasse a ele no lombo do animal. Fazia tempo que eu havia andado a cavalo, mas era como andar de bicicleta, não esquecíamos como fazer.

— Cecília, nada de correr, e fica de olho nos seus amigos. — Meu avô parou ao meu lado antes que eu seguisse pela estrada, liderando a marcha.

— Pode deixar.

— Nada de pegar vara pelo meio do caminho.

— Tá, vô.

Ele deu uma palmadinha no cavalo que eu estava montada e o animal andou, fazendo com que os outros me seguissem. Segui pela estrada até o

pasto, no caminho mais seguro para que minha irmã ou seus amigos não encontrassem dificuldades em guiar o animal que, naquele estado, se movia praticamente em inércia.

— Por que disse para a Katarina que não sabe andar a cavalo? Vi você com roupa de equitação em uma foto na sua casa.

— Porque eu queria ficar com você. — Ele abraçou a minha cintura e, mais uma vez, o meu coração parou de bater. Era estranho e incômodo, mas, ao mesmo tempo, muito bom.

— Se eu ainda estivesse com o Caio e ele não tivesse ido embora, você não teria vindo, não é?

— Não. — Ele foi sincero e isso me impactou mais do que tudo, porém, Peter tirou os braços da minha cintura e afastou seu corpo do meu. — Eu vim porque você disse que me queria aqui, mas vou entender se você disser que precisa de espaço. Términos não são fáceis. Términos são dolorosos e quero deixar as coisas mais fáceis para você e não mais difíceis. Se quiser, eu posso ir embora.

— Não precisa ir embora — sussurrei, sem saber se ele havia sido capaz de ouvir.

— Ceci...

— Gosto de você aqui. — Independente da minha vontade de admitir, era a verdade. Eu só não sabia se estava pronta para ele confessando que era a fim de mim. Não exatamente, pois ele só tinha dito que achava o meu rosto e o da minha irmã bonitos, mas que, por mim, não havia nada de fraternal como o que ele sentia por ela.

Balancei a cabeça e o cavalo vacilou. Estava confusa e acabei confundindo o animal também.

— Não dá para irmos mais rápido? — Katarina estreitou as rédeas do

cavalo que ela estava montada e parou ao nosso lado.

— Estou indo devagar para que ninguém se machuque.

— Você é devagar demais. — Ela revirou os olhos e fiquei sem saber se o seu descontentamento era de fato sobre a velocidade dos cavalos ou se ela estava irritada com o Peter estar na minha garupa e não na dela.

— Continua devagar, Cecília! — gritou a minha irmã atrás de nós, e fiquei aliviada por ela se posicionar ao meu favor.

Katarina bufou e correu na frente, batendo com as pernas na barriga do animal forçando-o a se movimentar, indo contra as instruções do meu avô. Eu não fui atrás, preferi não comprar a sua provocação e fingir que não era comigo.

— Ai! — Ouvi um gritinho dela e apertei a marcha do cavalo apenas o suficiente para chegar mais perto dela.

O cavalo que ela montava havia subido pasto acima e parado antes de bater em uma pedra. Felizmente, ela estava montada em uma animal consciente e que preservava pela própria vida.

— O que foi fazer aí em cima, sua tonta? Desce aqui! — Arthur fez um gesto para que a Katarina se aproximasse.

— Estava só explorando melhor a fazenda. — Deu de ombros, tentando puxar as rédeas do cavalo e o levar de volta ao caminho que seguíamos.

— Precisa de alguma ajuda? — Pensei em ir até ela, porque realmente fiquei preocupada.

— Eu *dô* conta. — Orgulhosa demais para admitir que não sabia, esperamos ela por quase vinte minutos para que descesse de volta e parasse perto da gente.

Seguimos a cavalo até a casa na árvore e, depois, descemos até as margens de um lago. Soltei um pouco as rédeas para que o meu cavalo bebesse água e os outros animais pararam ao lado, fazendo o mesmo.

Vira e mexe eu me lembrava que era o Peter que estava na garupa atrás de mim e minhas bochechas coravam. Porém, às vezes, me lembrava do Caio e ficava triste. Por que tudo não poderia ser bem mais simples?

— Vamos voltar, gente? — Puxei a rédea do cavalo e os guiei de volta ao ponto da fazenda onde meu avô e o Tadeu estavam esperando por nós.

O céu já estava ficando laranja e o dia não iria demorar a virar noite, quando descemos dos cavalos e voltamos para casa. No momento em que nos aproximamos das barracas, o carro do Peter passou pelo portão e voltou a ser estacionado no lugar em que ele havia deixado.

— Ué, quem estava com o seu carro? — perguntei para ele, que andava ao meu lado.

— Seu pai foi comprar alguma coisa na cidade, me pediu emprestado. Acho que era mais fácil do que ir com o ônibus que ele alugou para vocês virem para cá.

— Isso, com toda a certeza.

— Henry, Peter, e Arthur, me ajudem a pegar algumas coisas aqui. — Meu pai desceu do carro e o contornou, indo até o porta-malas. Os meninos foram até ele e o ajudaram com as sacolas, que eles levaram até a cozinha.

— Para que tudo isso, amor? — perguntou a minha mãe, curiosa. Ela estava sentada na varanda e segurava os gêmeos, um em cada braço.

— Você falou que os seus irmãos vêm mais tarde, pensei em fazermos um churrasco. Fui até a cidade e comprei algumas coisas.

— Ótimo!

Enquanto meus pais e os garotos cuidavam das compras, Charlotte, eu, e as outras duas nos sentamos nos troncos que utilizávamos como banco entre as barracas.

— Nem terminou com o Caio direito e já arrumou outro. Apressadinha você, né?

A fala da Katarina poderia até não ter sido uma ofensa, mas soou como uma e me deixou com a boca amarga. Peter não era o meu namorado, mas se fosse, o que ela tinha a ver com isso?

— Kat! — Charlotte tentou intervir.

— Char, na moral, desde que a sua irmã apareceu, você se preocupa muito mais com ela do que com a nossa amizade. — Bufou, emburrada.

— Kat, ela é minha irmã.

— Finge de santinha, mas, no fundo, é mó...

Charlotte levantou do tronco e Katarina se calou.

— Não diz isso.

Katarina cerrou os lábios e deu de ombros, sem esconder a sua revolta. Segundos depois, ela se levantou e saiu de perto de nós.

— O que foi isso? — Fiquei sem entender aquela reação explosiva dela. Será que era mais amiga do Caio que eu imaginava e estava defendendo-o?

— Ela é supercaídinha pelo Peter — foi a Letícia quem respondeu, pois a Charlotte se levantou e foi atrás da amiga.

— Mas ele parece não querer nada com ela. — Tentei me defender, mesmo sabendo que não precisava.

— Aí que está. Ele parecia não estar a fim de ninguém e isso dava esperanças para ela.

— Nem sei se ele está a fim de mim. — Aquilo era mentira, eu sabia sim, mas não estava sabendo como reagir.



Charlotte
Capítulo

Vinte

Levantei e saí atrás da minha amiga, porém Katarina saiu correndo e só parou quando chegou perto do pomar, embrenhando-se entre os pés de laranja até parar diante de uma grande mangueira, sentando-se aos pés da planta.

— Kat!

— Sai daqui, traíra.

— Amiga?

— Da onça, só se for. Porque você só sabe ser amiga daquela sua irmãzinha, nem parece mais a pessoa que era desde que ela apareceu. A Cecília isso... A Cecília aquilo. Tudo é a Cecília. Parece que você só torce para a sua irmã e eu que me... — Ela engoliu em seco, engolindo junto o palavrão.

— Sabe que não tem nada a ver isso que você está falando. — Sentei-me ao lado dela. — A nossa amizade continua igual.

— Continua nada! Você sempre a coloca na frente.

— Kat, a Cecília é a minha irmã gêmea. Me dá um desconto, vai?

— E quem vai dar um desconto para mim? É sempre a Cecília, tudo a Cecília... Ela é mó sem graça.

— Não é bem assim.

— Claro que é! — Bateu os pés no chão cheio de folhas, como uma criança birrenta.

— Está assim por causa do Peter.

— Estou! Você sabe que ele sempre foi o meu *crush* e nem para fazer nada para me ajudar. E agora está jogando ele nos braços da sua irmã.

— Mentira! Não joguei ninguém nos braços de ninguém. Sério, o Peter veio para cá porque quis, eu nem sabia que ele vinha. Estou tão surpresa quanto você. Se eles estavam tendo alguma coisa, a Cecília não me contou.

— Parece que estavam. Ele aparecer aqui depois que o Caio foi embora é muita coincidência.

— Amiga, eu não sei, mas não posso obrigar ele a ficar com você.

— Valeu pela parte que me toca. — A tromba enorme só aumentou.

— Sei que você queria o Peter, mas talvez seja melhor desencanar e partir para outra.

— Viu, está defendendo a sua irmã.

— Tô, não! Nem vem com essa. Estou defendendo você. Há quanto tempo ele estudou na escola com a gente, quantos moles você já deu para ele? Talvez o Peter realmente não queira você e vai ficar aí, dando murro em ponta de faca, enquanto tem outros caras gatinhos que você pode ficar. O Matheus do terceiro ano é um gatinho e também tem olho azul.

— A galera falou que ele cospe enquanto fala, *mó* nojento.

Fiz uma careta bisonha e ela riu.

— Sua irmã é maior mosca morta, nunca vou entender porque os caras gostam dela.

— Dizem que cada panela tem sua tampa, né? Mas a gente nem sabe o que ainda vai rolar, se o Peter *tá* ou não a fim dele. Se tiver, pode ser que não dure. Ela e o Caio voltaram e acabaram terminando de vez. Quem garante que com o Peter vai dar certo?

— Tomara que não dê.

Inspirei profundamente. Estava torcendo pela minha irmã, mas também torcia pela minha melhor amiga e não queria estar no meio daquele dilema. Não precisava que as duas acabassem gostando do mesmo cara.

— Desencana do Peter.

— Primeiro você fala que pode ser que a sua irmã e ele não deem certo, mas me pede para desencanar do cara. Aff! Na moral, assim fica difícil.

— Amiga, ele pode não dar certo com a minha irmã, mas esse tempo todo ele nunca deu mole para você.

— Valeu pela parte que me toca.

— Só estou falando a verdade. Desencana do Peter e investe em outro cara. Gosta de quem gosta de você. Acredite, essa sou eu, sendo a sua amiga.

— Para você é fácil falar. Está no namoro perfeito.

— É, mas não foi fácil para vocês aceitarem o Henry. Zuavam ele para caramba, não me esqueço disso, mas eu tô feliz. Ele gosta de mim e eu gosto dele, além de não ficar fazendo uma pressão idiota para transar, igual o Caio ficou fazendo com a Cecília.

— Ah, foi por isso que eles terminaram?

Mordi a língua, me tocando que, às vezes, eu falava um pouco demais.

— Não fala isso para ninguém, por favor — pedi, mesmo duvidando que a Katarina fosse capaz de manter aquele segredo, pois as fofocas chegavam nela primeiro devido ao seu ótimo dom de espalhar as coisas.

— Não vou não, mas sabe se eles chegaram a tentar?

— Acredito que não. A Cecília não queria.

— Sabe que, depois da foto, todo mundo acha que ela e o inglês...

— Ela não fez nada — apressei-me para desmentir.

— Tem certeza?

— Tenho. Juro pela mamãe. Cecília não iria mentir sobre uma coisa dessas.

— E o você e o Henry, acha que vai rolar?

— Não sei. — Levantei a cabeça, fitando a copa da árvore percebendo que o céu estava cada vez mais escuro.

— Eu já fiz — comentou como se estivéssemos falando sobre uma tatuagem de henna na praia e não algo tão importante.

— Sério? Já? Com quem? — as perguntas saíram pela minha boca, atropelando umas às outras. — Falando que eu não sou uma boa melhor amiga, mas como você não me conta isso?

— Ah, foi numa festa de um primo. Conheci um carinha e estava surpercuriosa para saber como era. Fomos para um quarto e fizemos.

— Foi bom?

— Não! Foi horrível. Além do beijo babado que ele tinha, doeu para caramba, tipo muito mesmo. Nem sei como as pessoas falam que isso é bom. Achei terrível.

— Nossa! — Massageei os meus joelhos, sem graça. Consegui entender o motivo de ela não ter contado. Provavelmente se tivesse sido bom, a Katarina teria gritado aos sete ventos que não era mais virgem. — Tem momentos quando o Henry e eu nos beijamos ou quando a gente se toca, eu tenho vontade de saber como é ir mais longe, mas a mamãe me disse que tem tempo para tudo e que eu tenho que me sentir pronta e segura, não fazer nada por pressão.

— Você fala sobre essas coisas com a sua mãe? — Katarina arqueou as sobrancelhas, surpresa.

— Sim. Desde que a mamãe entrou na nossa vida ela tem conversado muito comigo. Eu gosto disso, faz com que eu me sinta bem em relação a

determinadas coisas.

— Ah, isso parece bom.

— É, sim. — Levantei, batendo as mãos na bunda para me livrar da terra e das folhas que agarraram no meu short jeans.

— Vamos voltar para casa antes que fique escuro demais e a gente não enxergue nada, porque eu não trouxe uma lanterna.

Katarina assentiu e seguimos de volta para a casa dos meus avós. Como havíamos ficado conversando, a fila do banheiro já estava andando, mas nós duas ficamos por último para tomar banho.



Lecilia

Capítulo

Vinte e um

Não sei sobre o que Charlotte e Katarina conversaram, mas, quando as duas voltaram, o humor da ruiva parecia melhor.

Depois do banho, eu me sentei na cadeira de balanço, enquanto assistia o meu pai e o Peter acenderem a churrasqueira que ficava ao lado da casa. Fiquei feliz que a sinergia do meu pai com o Peter fosse bem melhor do que com o Caio. Os dois conversavam em pé de igualdade, apesar do meu pai ter o dobro da idade do filho do sócio. Talvez fosse porque o Peter já era maior de idade e lidasse com assuntos de adultos.

Era para ser só um churrasco para a turma, mas logo se transformou em uma pequena festa cheia de gente e com som alto. Meus tios apareceram e, junto com eles, esposas e filhos. Dois deles eram até mais velhos do que eu. Se bem me lembrava, o Alisson tinha vinte anos e o Wesley tinha dezoito. Fora eles, havia a Brenda de quinze anos e o Guilherme com dez.

— Ei, Cecília! — Eles passaram por mim me deram um beijo e alguns abraços antes de seguir para dentro da casa, certamente a procura da minha mãe.

— Movimentado aqui.

Tomei um susto e coloquei a mão no peito, quando me dei conta de que o Peter estava parado na minha frente. Nem havia reparado que ele tinha saído de perto do meu pai e vindo falar comigo.

— É! — Inspirei e expirei, antes de formar uma frase completa. — Os irmãos da minha mãe vieram ver ela e os gêmeos. Ainda não conheciam o Vinícius e o Valentim. Acho que os meus tios nunca saíram daqui. Sempre

que a minha mãe chama, eles falam que tem algo na lavoura ou na criação para fazer e nunca vão.

— Uma pena, tem coisas legais para fazer por lá.

— Tem, sim.

— Quer dar um passeio comigo? — Peter me estendeu a mão.

Olhei para ele e pensei várias vezes se deveria ou não aceitar o convite. Algo bem no fundo da minha cabeça me fez lembrar do que a minha mãe havia falado comigo de que eu deveria fazer aquilo que eu queria fazer, sem deixar que a opinião das pessoas me atrapalhasse.

— Quero. — Segurei a mão dele.

Peter me puxou e eu me levantei da cadeira, seguindo-o para além da varanda. Eu não estava com o celular no bolso, nem tinha lanterna, mas eu conhecia muito bem o caminho estrelado que me levava até a casa na árvore. Meu esconderijo e lugar seguro durante a minha infância.



Charlotte
Capítulo

Vinte e dois

Saí do banheiro, secando o cabelo em uma toalha branca e felpuda, e me deparei com o Henry esperando na porta com um pratinho contendo linguiça, uma asa de frango, e alguns pedaços de picanha. Confesso que não estava acostumada a churrasco, as festas que o meu pai me levava serviam outro tipo de comida, mas a presença da minha mãe e da minha irmã na minha vida me fez aprender um novo jeito de viver.

Peguei um pedaço de carne e joguei na boca, lambendo os dedos que ficaram sujos de gordura.

— Obrigada, amor. — Dei um selinho no Henry.

Ele colocou os guardanapos sobre o pratinho para ficar com uma mão livre, mas, antes que pudesse envolver a minha cintura e me puxar para perto, minha mãe agarrou o meu braço e me levou para longe dele. Fiz um bico, contrariada, mesmo sem saber o que ela pretendia fazer comigo.

— Carlos e Cícero, essa é a Charlotte! — Minha mãe me colocou no meio da sala, na frente de dois homens; eles se pareciam com ela. Imaginei que fossem os irmãos que tanto falava, mas eu ainda não os tinha conhecido.

— Oi! — Acenei com a mão, sem graça.

— Que bom conhecê-la, Charlotte.

— O prazer é meu.

— Achei que eram gêmeas, como a gente. — Um deles se levantou e foi para mais perto, para me ver melhor. — A Cecília é loira, mas essa é morena.

— Ah, não! Eu pinto o cabelo. Por falar nisso, acho que tenho até que

retocar a raiz. — Abri um sorriso amarelo.

— Ah, está explicado! — Rindo, ele voltou para o sofá.

— Vê se aparece lá em casa qualquer dia desses.

— É disso que estou tentando convencê-los — disse a minha mãe.

— Foi um prazer. — Escapei de fininho, contente por minha mãe não ter tentado me impedir.

Procurei pelo Henry, que não estava mais no corredor que eu o havia deixado, e o encontrei na churrasqueira perto do meu pai.

— Oi, amor!

— Char, achei que ia ficar lá com os seus tios.

— Não, minha mãe só queria me apresentar para eles.

— Que bom! Ah, pendurei a toalha que você deixou cair no varal atrás da casa, pus lá para não encher de fumaça.

— Obrigada!

— Quer mais carne? — Apontou para o pratinho perto da mesa onde o meu pai estava cortando um bife de alguma coisa.

— Agora não. — Neguei com a cabeça. — Nem sabia que o senhor entendia de como fazer churrasco — falei com o meu pai.

— Aprendemos uma coisa ou outra quando fazemos faculdade. — Ele riu em tom de deboche e me lembrei de que os meus pais se conheceram no tempo em que ele era estudante de uma universidade pública. Os colegas e amigos dele deveriam fazer churrasco com frequência.

— Posso pegar, tio? — Um menino parou perto da mesa e imaginei que fosse filho de um dos irmãos gêmeos da minha mãe.

— Pode, sim. — Meu pai se distraiu com ele e eu aproveitei para pegar a mão do Henry e o puxei comigo.

Passamos perto das barracas e vi a Katarina e a Letícia conversando com dois caras mais velhos. Meus primos? Acho que sim. Arthur observava de longe, com uma expressão de poucos amigos. Ele e a Letícia poderiam ter terminado, mas imaginei que ainda tivesse algum assunto mal resolvido entre eles.

Por onde eu olhei, não havia nenhum sinal do Peter ou da minha irmã. Era provável que eles estivessem juntos, mas tentei não me incomodar com isso. Se a Katarina estava distraída, imaginei que nada saísse do controle.

Henry e eu caminhamos para trás da casa e paramos perto de um muro ao lado de um tanque de lavar roupa. Senti um frio na barriga gostoso quando ele terminou o que havia começado, mas que a minha mãe nos interrompeu: o beijo.

Ele colocou as mãos na minha cintura e me apertou contra a parede. Meu coração disparou e eu envolvi o seu pescoço com os braços, descendo os dedos pelos fios macios do seu cabelo preto.

Henry me beijou mais e mais, até que meus lábios ficassem dormentes e eu não soubesse onde terminava a boca dele e começava a minha. Suas mãos começaram a passear por mim assim como as minhas por ele, até que algo encostou em mim e eu dei um saltinho.

— Desculpa. — Henry se afastou. Estava escuro, não conseguia ver o seu rosto com nitidez, mas pelo seu tom de voz, era fácil notar que ele estava envergonhado.

— Não esquentar. — Tateei o ar a procura do seu braço e o trouxe de volta para perto de mim.

Henry voltou a me beijar e eu senti de novo, mas dessa vez não me assustei, apenas continuei o beijando.

Uma das mãos dele foi parar dentro da minha camiseta e a outra subiu

pela minha perna. Eu me esfreguei nele e foi ainda mais fácil sentir. Com curiosidade, estiquei a mão e o Henry não se moveu.

Ouvimos um barulho e meu namorado deu uns dez passos para trás. O medo de sermos pegos fez o meu coração acelerar e bater descompassadamente. Ofeguei como se tivesse corrido uma maratona.

— Acho melhor a gente voltar lá para as barracas.

— Eu também acho. — Segurei a mão dele, que estava tão fria e escorregadia quanto a minha.

Uma parte de mim queria ficar, continuar o que havíamos parado, mas outra, mais racional, se lembrou do que a Katarina disse e tive medo. Acho que iria precisar de um pouco mais de tempo para tomar aquela decisão.



Lecilia

Capítulo

Vinte e três

— As estrelas aqui são tão bonitas. — Peter olhou para cima enquanto caminhávamos e segurou a minha mão.

— É a poluição da cidade que nos impede de vê-las.

— Sei disso, mas nunca tinha visto um céu assim de tão perto. Já viajei para muitos lugares do mundo com os meus pais e até sozinho, mas nunca estive no interior, nem tão cercado de natureza. Você cresceu aqui, não é?

— Foi.

— Imagino que seja outra realidade.

— Era bem mais difícil do que a vida que levo agora com o meu pai e todo o dinheiro que ele tem, mas tinha as suas partes boas também. — Voltei a olhar para cima e ele acompanhou meu olhar com a cabeça.

— Aqui tem muitas coisas maravilhosas, mas ainda bem que você e o seu pai se reencontraram.

— Sim. Seria muito injusto se ele e a mamãe nunca mais voltassem a ficar juntos. Eles se amam muito.

— Acredito que sim. Lembro do meu pai falando de como o seu chorou a morte da sua mãe por anos. Porém, não estou falando só deles.

— Do que mais seria? — Girei o corpo, ficando de frente para ele.

— Eu poderia nunca ter conhecido você.

— É. — Suspirei.

— Ainda bem que as coisas seguem o melhor caminho.

— Sim.

— Não queria ter assustado você aparecendo aqui do nada. Imaginei que fosse gostar. — Soltou a minha mão e se afastou um passo.

— Eu gostei. — Puxei a mão dele de volta e a segurei entre as minhas. — Ainda tô meio confusa. Namorei o Caio um tempão e ele foi o único namorado que eu tive. Eu sinto que possa ter falhado de alguma forma.

— Não fala isso, Cecília. Não acho que você tenha falhado. Ninguém é obrigado a ficar com ninguém e o primeiro namorado não precisa ser o último.

— Foi o que a minha mãe falou.

— Acho que deveria ouvir sua mãe.

— Sim. — Movi os ombros, sentindo-os mais leves. — A Katarina também falou que eu mal tinha esperado o Caio ir embora para me aproximar de outro, mas ela nem sabe que não estávamos bem há um tempão. Além disso, acho que ela é a fim de você.

— A ruiva mala que é amiga da sua irmã?

— Ruiva mala? — Não consegui conter a gargalhada.

— Desculpa, mas ela é meio chata e estranha. Conheço ela só de vista, mas se atira em mim em todas as oportunidades que têm, isso é chato. Eu nunca quis nada com ela.

— Nós nos conhecemos só de vista por um tempo.

— Nossos pais trabalham juntos, eu cresci com a sua irmã. Frequento a sua casa com frequência e você já foi na minha várias vezes. Acho que somos mais do que só conhecidos. — Ele subiu a mão e acariciou o meu rosto. — Não sei porque você e o Caio terminaram, imagino que ainda tenha a ver com aquela foto. É só uma foto, não é você de verdade. — Tocou os meus ombros. — Pode ser horrível, mas admito que fiquei feliz quando você me disse que tinham terminado, quero você feliz, mas parece que, desde a foto,

você não está. Eu te via pelos corredores no ano passado e você estava sempre abatida. Aí, eu saí da escola, mas sempre que nos reencontramos, eu via você para baixo. Naquela festa na sua casa, a sua expressão estava de cortar o meu coração. Eu vou entender se não for o que você quer, e prometo não insistir, mas tudo o que eu queria era uma chance de fazer você sorrir de novo e de poder ficar com você.

— Você quer ficar comigo? — Meus lábios ficaram secos e as minhas pernas balançaram.

— Quero.

Era isso o que eu queria? Ao menos naquele momento, a palavra sim berrava eufórica na minha mente. Caio havia sido o primeiro, mas não precisava ser o único e Peter estava ali na minha frente, segurando as minhas mãos e me pedindo uma chance. Eu não sabia como ele seria como namorado, no entanto, sempre foi um ótimo amigo.

Eu não disse nada, apenas fiquei nas pontas dos pés e levantei a cabeça na direção dele. Peter enlaçou a minha cintura e puxou o meu corpo para o dele. Fechei os meus olhos e foi como se eu tivesse entrado em uma bolha que apagou tudo ao meu redor e me fez flutuar. Não havia mais nada além de mim e do Peter.

Quando os lábios dele encostaram nos meus eu senti carinho, calor, e um monte de sensações gostosas me envolveram. Elas eram delicadas como o tocar de uma pétala de rosa, mas tinham a profundidade do oceano. Eu mergulhei nelas sem me preocupar com nada, muito menos em ser julgada. Era noite, estávamos sozinhos, e ninguém iria nos ver aqui. Com a mão livre, Peter pegou um dos meus braços e o colocou sobre o seu ombro. Fiz o mesmo e abracei o seu pescoço enquanto ele abraçava a minha cintura. Havia calma na forma como a boca dele procurava a minha e me senti acolhida

naquele beijo. Era como encontrar um porto seguro depois da tempestade e foi difícil não me perguntar porque meus lábios não haviam encontrado o caminho para os dele antes.

Me toquei que havia tanta coisa que eu ainda não sabia e que a minha mãe estava certa, eu ainda tinha muito o que viver.

Nós paramos de nos beijar para recuperar o fôlego, mas a magia não acabou, pois Peter continuou abraçado a mim e eu apoiei a cabeça no seu peito, ouvindo o seu coração bater calmamente. Aquele som, somado ao barulho dos grilos, me acolheu e me envolveu.

Eu queria tentar de novo. Dessa vez com um cara diferente.

— Obrigada por ter vindo.

— Por você, valeu a pena dirigir as cinco horas sem parar. — Riu ao beijar o topo da minha cabeça.

— Louco.

— Nem tanto.

Ele fungou o meu cabelo e subiu com uma mão para acariciar o meu rosto. Voltei a fechar os olhos e desfrutei do meu pequeno momento no paraíso.



Charlotte
Capítulo

Vinte e quatro

Henry e eu voltamos para a frente da casa onde se reuniam os demais, comendo carne, bebendo refrigerante, e conversando.

— Ah, Charlotte, você está aí? — Katarina acenou para mim e o seu sorriso era muito mais animado do que eu havia visto mais cedo, quando ela estava toda irritada pelo fato da minha irmã e do Peter estarem tendo alguma coisa.

— Oi! — Abri um sorriso amarelo.

— Chega aqui! — Fez um gesto com a mão para que eu me aproximasse. — Estou aqui conversando com o seu primo sobre motos, e contando que o mau pai tem uma coleção incrível.

— Ele tem mesmo. — Coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha, sem graça, me perguntando se o primo com quem ela estava conversando era o Alisson ou o Wesley. Eu só sabia que o primeiro era mais velho, mas olhando para eles, eu não soube descrever.

— Eu consegui passar na faculdade depois de alguns anos tentando e vou fazer engenharia mecânica na cidade que fica a uma hora daqui — disse para a Katarina, enquanto eu prestava parcialmente atenção na conversa dos dois.

Um tinha dezoito e o outro vinte, se este tinha tentado a faculdade por alguns anos, esse deveria ser o Alisson, o mais velho.

Henry sentou ao meu lado no tronco de madeira e segurou a minha mão entre as suas, afagando-as com carinho.

— Está tudo bem, amor?

— Está, sim.

— Se tiver algo te incomodando, você me fala.

— Eu tô bem. — Fiz carinho no rosto dele e dei um breve selinho. —
Minha irmã sumiu, né?

— Deve estar com o Peter em algum lugar.

— É. Acho que eu vou lá dentro para ver se a minha mãe precisa de alguma coisa.

— Beleza!

Levantei e fui para dentro da casa. Vi que a minha avó estava com os meus tios na sala e segui até o quarto, onde minha mãe estava sentada na cama, amamentando um dos gêmeos e a babá trocava a fralda do outro.

— Pode deixar que eu faço, Bruna. — Parei ao lado dela e estendi as mãos para trocar a fralda do Valentim, que me encarou com os seus olhinhos antes de voltar a morder o seu brinquedo de borracha em formato de tubarão.

— Pode ir lá comer alguma coisa, Bruna. Deixa que a minha filha me ajuda — disse a minha mãe, ao perceber que eu queria ficar sozinha com ela.

— Tudo bem. — Ela balançou a cabeça e saiu do quarto.

Segurei meu irmãozinho e fiquei olhando para a fralda enquanto me lembrava de como colocar. Também era uma desculpa para não olhar diretamente para a minha mãe.

— O que foi, Charlotte?

— Nada, mãe.

— Morceguinha...

— É que eu e o Henry, nós...

— Pode falar, filha. Saiba que eu sempre vou estar aqui para proteger e orientar você. Quero que converse comigo sobre tudo. Não precisa ter medo

de falar. Está tudo bem entre vocês dois? Vocês brigaram?

— Brigamos não, mãe. Estamos de boa.

— Então qual o problema?

— É que... que... — Engoli em seco ao puxar a fralda do meu irmão, focando para não colar torto. Sabia que poderia confiar na minha mãe e falar com ela sobre tudo, mas, ainda assim, era difícil falar sobre aquele assunto. Dava muita vergonha. Queria esconder o rosto, principalmente porque ela não parava de olhar para mim.

— Vocês fizeram?

— Não! Ainda não... — Mordi o lábio e a minha garganta ficou seca. — É que quando nos beijamos sobe um calor. É muito calor, mãe. Uma vontade de não parar de beijar e passar a mão... — Escondi o rosto com as mãos e Valentim gargalhou, achando que eu estava brincando de *cadê o bebê* com ele.

— Charlotte?

— Acho que eu quero, mãe.

— Na minha opinião, você ainda é muito nova para isso. Deus me livre de você ficar grávida tão menina. Porém, eu sei que posso dizer não um milhão de vezes que, se você quiser, vai lá e vai fazer. Infelizmente, quando vocês saem de dentro de mim, eu vou perdendo o controle a cada ano que passa. Eu só vou te dizer uma coisa, filha. Sob hipótese nenhuma, faça isso sem sentir que está pronta para o que pode acontecer e para as consequências disso. Quando voltarmos dessa viagem, vou levar você ao médico.

— Tá bom. — Ainda estava envergonhada, mas conseguia olhar para ela.

— Ao menos o Henry é um bom rapaz e eu gosto muito dele. Acredito num futuro para vocês dois e sei que ele é um menino responsável. Porque

aquele Caio... — Minha mãe parou no meio da frase. Era a primeira vez que eu a via dizendo em voz alta que possuía alguma objeção contra o ex-namorado da minha irmã.

— Acho que o Caio já é passado total. — Não sabia o que a minha irmã já havia falado sobre o Peter para a nossa mãe, mas aquela frase escapou antes que eu fosse capaz de conter.

— Está falando isso por causa do filho do Philip?

Fiz que sim.

— Vamos ver.

Meu irmão puxou a barra da minha camiseta e eu percebi que ele estava sentado na cama. Peguei ele no colo e coloquei a bermuda jeans que estava sobre a cama.

— Filha — minha mãe me chamou e voltei a olhar para ela —, não esquece de se cuidar, e tome muito cuidado.

— *Tá, mãe. Tô indo lá pra fora, posso levar o Tim?* — Ajeitei o meu irmão no meu braço.

— Não, está tarde e frio. É melhor ele não ficar tomando vento.

— Eu vou chamar a Bruna então.

— Pode deixá-la lá um pouco. Vinícius já está dormindo. — Ela se levantou e colocou o meu irmão em um moisés que havíamos trazido de casa já que ali não tinha berço.

— *Tá!* — Saí do quarto me sentindo mais leve por ter conversado com a minha mãe.



Lecilia

Capítulo

Vinte e cinco

Peter e eu voltamos de mãos dadas até a casa. Não estávamos oficialmente namorando, mas eu sentia que as palavras apenas não haviam sido pronunciadas ainda.

— Vamos comer churrasco. — Puxei ele comigo e a arrastei até a churrasqueira.

Peguei uma asinha de frango e soltei ele, para ir até a caixa de isopor, pegando um refrigerante para a gente.

— Ei, Cecília! — Um dos meus primos acenou para mim, ele estava sentado ao lado da Katarina, que me encarou com uma expressão de poucos amigos. — É esse o namorado?

Antes que eu pensasse sobre o que iria dizer, Peter segurou a minha mão de novo e com o sorriso mais lavado do mundo respondeu:

— Sim, eu sou o namorado.

Katarina cerrou os dentes, mas em vez de sair correndo, ela segurou a mão do meu primo, que arqueou uma sobrancelha. Os dois estavam ficando ou ela apenas quis demonstrar que não estava sozinha?

— Bem-vindo de volta à turma, cara! — Arthur passou pelo Peter e deu uns tapinhas no ombro dele.

Puxei ele comigo até o banco às margens do lago, mas não nos sentamos, continuei de pé e busquei seus olhos azuis, mesmo não conseguindo enxergar direito devido à pouca luz.

— Namorado?

— Cecília, não quero só dar uns beijinhos em você. Quero que seja a

minha garota. Acha que eu fui precipitado?

— Não é bem isso... — Soltei as mãos dele e me afastei, dando alguns passos para trás. — É que eu não estou pronta.

— Eu entendo, me desculpa. Você acabou de terminar com o Caio, precisa de um tempo. Me desculpa mesmo, Cecília. Não deveria ter me precipitado.

— Não é sobre isso... — Engoli em seco.

— Então o que é, docinho? — Estendeu a mão para acariciar o meu rosto. Peter tinha sido tão carinhoso comigo que eu sabia que podia contar com ele.

Respirei fundo, criando coragem para falar e esfreguei as mãos molhadas de suor frio na lateral do meu short.

— Eu.... eu não... — Mordi a língua e percebi que ele estava de pé, imóvel, apenas me esperando falar.

— Fala. — Puxou a minha mão, fazendo carinho nela. — Pode falar, Cecília, não quero que fique desconfortável comigo por nada.

— Não *tô* pronta para transar. Não era só com o Caio; não *tô* pronta para fazer com ninguém. Acho que não é o momento. Mande aquela foto sem pensar e ainda sofro com ela, mas não quero cometer outro erro. Quando fizer, eu quero ter certeza.

— Se preocupa com isso, não. — Ele me abraçou de novo e voltei a me sentir acolhida. — Nem *tava* pensando nisso. Pode ter certeza que qualquer coisa que a gente fizer, vai ser só quando você quiser. — Acariciou o meu cabelo.

— Não sei quando vou querer.

— Cecília, você só tem dezesseis. Não precisa esquentar com isso.

Concordo com você, não *tá* na hora. Um monte de colega meu já fez, a maioria eu acho, mas nem *tô* preocupado com isso, não. Eles estão contando números, mas não é isso que quero para mim.

— Você ainda não fez?

— Não. — Ele não parecia nem um pouco envergonhado em admitir.

Sua revelação me deixou feliz.

— Então, quer ser a minha namorada, ou quer que eu vá até lá e peça desculpas para o pessoal?

— Eu quero ser a sua namorada. — Abracei o seu pescoço e ele me beijou.

Sim, as pessoas poderiam achar ruim de eu mal ter terminado com o Caio e já estar com o Peter, mas depois do ano terrível que passei, sendo julgada em cada canto da escola, estava aprendendo a ignorá-las.



Charlotte
Capítulo

Vinte e seis

Depois que o Peter montou uma barraca para ele e escovamos os dentes, cada um foi para o seu canto dormir. Eu entrei primeiro, mas fiquei sentada sobre o colchão inflável até que a minha irmã entrasse.

— Você e o Peter?

— É, estamos juntos. — Ela suspirou.

— Legal! Espero que seja melhor do que com o Caio.

— Eu também. — Tombou para trás, caindo em cima do colchão. — Você e o Henry estão bem?

— *Tamo*, sim. Sempre gostei dele para caramba.

— Ele também, né?

— Pois é.

— E por que parece tensa?

Estava escuro demais dentro da barraca e eu não conseguia ver ela, mas pelo barulho, imaginei que tivesse virado de lado para me encarar.

— Eu acho que nós vamos dar o próximo passo...

— Vocês vão transar!

— Não grita! — Dei um cutucão nela. Tinha comentado sobre aquilo apenas com a minha mãe e a Katarina, não queria que todo mundo soubesse.

— Foi mal... Você *tá* a fim?

— *Tô!* Eu gosto muito mesmo do Henry. Eu acho que vou me casar com ele, mas, mesmo se não casar, ele é superespecial na minha vida, então tenho certeza de que não vou me arrepender.

— Isso é bom.

— É, sim! — Ajeitei a minha cabeça no travesseiro, sonhando com o meu namorado. — Você e o Peter...

— Não estou pronta, não — respondeu antes que eu terminasse a pergunta.

— Falou para ele? Porque esse foi o motivo de você e o Caio terem terminado, a pressão, né?

— Falei, sim.

— E o que ele disse?

— Que também não fez e não está com pressa.

— Isso é ótimo!

— Sim.

— Vai deixar o Caio para lá de vez? — Fiquei curiosa, já que eles namoravam por quase o mesmo tempo que Henry e eu estávamos juntos, e eu estava acostumada demais ao meu namoro para imaginar minha rotina sem ele.

— Acho que não estávamos cem por cento desde o primeiro término. Eu o via antes de começarmos a namorar e, de verdade, achei que ele melhoraria, que não iria mais se preocupar com outras garotas.

— Ah, o Caio é sempre o Caio.

Ah, eu estudava com o Caio desde que éramos crianças. Ele sempre foi um pegador idiota, tinha medo do que a minha irmã poderia passar com ele, e a minha má sensação não estava errada.

— Vamos parar de falar do Caio. — Ela se remexeu sobre o colchão.
— Você viu que a Katarina ficou com o Alisson?

— É, eu vi! Que louco! Tomara que ela tenha desistido do Peter.

— Tomara! Porque ele é meu agora.

— Nossa! — Gargalhei. — Já está assim?

— Não posso?

— Poder, pode. Só não parece você.

— Estou torcendo para que seja diferente dessa vez, que seja melhor.

— Vai ser!

— Amém! Agora vamos dormir, porque o vovô falou que vai acordar a gente cedinho amanhã para pescarmos.

— *Tá!* — Puxei o cobertor para o rosto.

Tentei dormir, mas não peguei no sono fácil. Estava pensando no Henry e na conversa que tive com a minha mãe. Tinha uma coleção gigantesca de medos, a de ter um bebê encabeçando a lista, mas com o Henry eu me sentia segura para tomar a decisão de fazer.

Senti alguma coisa subindo na minha coberta e algo gelado tocar o meu pé.

— Ah! — Levantei em meio ao grito e minha cabeça bateu no teto da barraca, balançando tudo e imaginei que ela fosse desabar. — Ah!

Continuei aos berros.

— O que foi, Charlotte? — Ouvi a Cecília com uma voz sonolenta.

— Tem alguma coisa na barraca. Um bicho!

— Tem, não. Vai dormir.

— Tem sim, eu senti. Levanta!

Ouvi o zíper da barraca abrindo e foi seguido pela voz do Henry.

— O que aconteceu, amor? Eu ouvi os seus gritos.

— Tem um bicho na barraca! — Saí correndo e praticamente o

atrolei até me afastar da barraca.

— Que gritaria é essa, Charlotte? — questionou o Peter, acendendo a lanterna do celular na minha cara.

— Afasta essa luz para lá! — Balancei a mão enquanto me aninhava nos braços do Henry, tremendo e sendo acariciada por ele.

— Foi mal. — Ele guardou o celular e a única luz que víamos era a que vinha de dentro da barraca. Imaginei que a minha irmã estivesse tentando encontrar o que tinha me atacado.

— Oi, amiguinho, você não pode entrar assim na cama das pessoas. Fez a minha irmã quase ter um infarto. — A Cecília saiu da barraca conversando com alguma coisa.

— O que era?

— Um sapinho.

Meu estômago embrulhou.

— Está falando sério?

— Sim! Quer ver? — Ela chegou perto de mim e eu recuei vários passos para trás, puxando o Henry comigo.

— Não! Tira esse negócio para lá. Pegou isso com a mão?

— Usei a sua meia, foi o que eu vi mais rápido. Não peguei com a mão porque não sei se é venenoso. — Cecília passou por nós e foi até o lago. Não vi nada, mas ouvi o som de algo caindo dentro do lago.

— Eu não vou voltar para a barraca, não. — Abracei o Henry, tremendo.

— Calma, amor. — Ele me abraçou de volta. — Vocês duas podem ficar com a nossa barraca e eu e o Arthur dormimos na de vocês.

— Eu vou dormir no sofá.

— Tem certeza?

— Não vou ficar do lado de fora de jeito nenhum. Vai que aparece outro sapo, ou pior, uma cobra dentro da minha barraca.

— A gente deve ter deixado a barraca aberta durante o churrasco e ele entrou, mas se deixarmos fechadinha, não entra nenhum bicho, não — garantiu a Cecília.

— Não vou me arriscar. Me dá meu travesseiro? — pedi para a minha irmã, sem coragem de entrar na barraca de novo.

— *Tá!* — Cecília jogou-o para mim alguns segundos depois.

— Valeu! — Saí do abraço do Henry e corri para o interior da casa da vovó, passando pela porta e fechando-a logo em seguida.

Não iria correr o risco de acordar com um sapo em cima de mim ou algum bicho pior.



Lecilia

Capítulo

Vinte e sete

Acordei com o raio de sol entrando dentro da barraca e me levantei. Olhei para o lado e vi que a Charlotte não estava ali. Ri ao me recordar que o sapo havia a colocado para fora durante a madrugada.

Peguei roupas limpas na minha mala e minha *nécessaire* com a escova de dentes antes de sair da barraca.

Encontrei a Charlotte dormindo toda torta no sofá, mas parecia em um sono pesado e achei melhor não a acordar.

Como todo mundo ainda estava dormindo, consegui encontrar o banheiro vazio para fazer xixi, escovar os dentes, e trocar de roupa. Quando saí, eu me deparei com o meu pai indo para cozinha com as mamadeiras vazias dos meus irmãozinhos, imaginei que fosse preparar leite para eles.

— Bom dia, pai!

— Bom dia, Cecília! Vamos lá para cozinha? — Ele movimentou a cabeça fazendo um gesto para que eu o seguisse.

Eu o segui, não que achasse que tivesse escolha. Por mais que fosse um pedido, senti um tom de ordem. Meu pai foi até o fogão e colocou um pouco de leite para esquentar e lavou as mamadeiras antes de se virar para me encarar. Percebi que havia uma tensão no seu olhar e isso fez com que eu ficasse preocupada.

— Cecília, você e o Peter, foi antes ou depois de você terminar com o Caio?

— Foi... foi, depois — gaguejei, e não deveria ter passado um pinga de confiança, pois o meu pai continuou me encarando de um jeito estranho. —

Eu não sabia que ele ia vir pai, eu juro.

— Imagino que não, porque ele ligou para mim e perguntou se podia. Sei que com quem você está é uma escolha sua, mas eu peço que você tome muito cuidado, pois espero que não se esqueça do problemão que aquela foto causou para todo mundo, principalmente para você.

— Eu sei, pai... — Engoli em seco, mas algo do tamanho do mundo estava instalado na minha garganta. — Sinto muito.

— Seu relacionamento com o filho do Bernardo não acabou bem, mas o Philip é meu parceiro de negócios e amigo pessoal. Não quero problemas com ele por causa de um relacionamento dos nossos filhos.

— Não vou arrumar problemas, pai.

— Ótimo!

— No mais, eu gosto muito daquele garoto. Torço a favor. Só não quero que você se meta em encrenca e nem arrume problemas.

— *Tá!*

Não podia ficar chateada pelo meu pai estar receoso, eu tinha vacilado feio, e aquele era um fardo que teria que carregar pelo resto da minha vida. Às vezes, só queria poder voltar no tempo e me impedir de enviar aquela foto.

Ele desligou o leite antes que transbordasse e me estendeu os braços.

— Vem aqui.

Sem pensar duas vezes, aconcheguei-me nos braços do meu pai e ele me abraçou apertado. Ele me beijou na testa antes de se afastar e olhar para mim.

— Você é uma menina muito inteligente, Cecília, além de ter um coração incrível. Só pensa bem antes de fazer qualquer coisa. Você tem a

mim, a sua mãe, e o acesso a muitas informações.

— Não vou fazer uma burrada daquela de novo, pai.

— Espero que não.

Ficamos abraçados por mais alguns segundos até que ele se afastou, voltando a preparar as mamadeiras dos meus irmãos.

Quando saí da cozinha, a fila do banheiro já estava grande. Alguém estava lá dentro e Letícia e Arthur estavam do lado de fora. Eles ainda se evitavam e eu nem sabia o porquê, pois estava óbvio que se gostavam.

Passei pela sala e vi Henry e Charlotte abraçados no sofá, distraídos, assistindo a algum desenho que estava passando na televisão, aparelho bem menor do que cada uma de nós tinha no próprio quarto. Porém, a minha irmã parecia lidar com as coisas mais simples de um jeito bem melhor do que eu imaginava.

Pensei em perguntar sobre o sapo da noite passada, mas ela estava tão distraída e aninhada no Henry, que não quis atrapalhar o momento.

Segui para fora da casa e continuei caminhando, até que encontrei o Peter sentado em uma cerca de madeira, apenas observando o horizonte e os arredores da fazenda. Subi na cerca e parei ao lado dele.

— Bom dia!

— Bom dia, docinho. — Virou a cabeça para mim e sorriu.

— Vai me chamar sempre assim?

— Não gosta? Posso pensar em outro apelido.

— Não é que eu não goste. Só não sei o motivo de você me chamar assim.

— Você é pequena, gentil, doce, amorosa... Sei lá, fiquei com isso na cabeça depois da festa dos seus irmãos. Quem não gosta de doce?

— Eu amo. — Estiquei a mão e coloquei sobre a dele.

— Que bom, docinho. — Contornou meu queixo com as pontas dos dedos e me beijou rapidamente. — O que vamos fazer hoje?

— Vovô falou que ia ensinar a gente a pescar.

— Eu já fiz pesca esportiva com o meu pai.

— Eu acho que é meio diferente.

— Por que diz isso?

— Você vai ver. — Dei de ombros e desci da cerca.

— Assim você me deixa curioso e com medo ao mesmo tempo.

— Acho que você vai se sair bem.

— Espero que sim.

— Vamos tomar café-da-manhã! — Peguei a mão dele e o puxei comigo, arrastando-o até a cozinha.



Charlotte
Capítulo

Vinte e oito

— Será que ele não se toca que vai ser sempre pego? — Ri do desenho ao me remexer no sofá em busca do olhar do meu namorado.

— Algumas pessoas não se tocam nunca — comentou ele.

— Sinto saudades dos seus óculos — mudei completamente de assunto, ao tocar o rosto dele, o fazendo sorrir e afunilar os olhos já muito puxados.

— É sério? Achei que gostasse das lentes de contato. Com os óculos, os meus olhos eram ainda menores.

— Gosto deles assim também, mas é que em todas as minhas lembranças da infância, você estava de óculos.

— Porque durante toda a minha infância eu usei óculos. — Riu. — Mas curti quando a Cecília sugeriu que passasse a usar lentes.

— Queria ficar mais bonito?

— Não posso? — Piscou para mim.

— Por que não? — Puxei a gola da camisa dele, e o fiz tombar para cima de mim e me beijar, no entanto, senti uma pontada na minha coluna, porque havia dormido toda sem jeito durante a noite.

— Vamos tomar café! — Cecília passou por nós, arrastando o Peter e seguiu para a cozinha.

— Espero que ele seja melhor para ela do que o Caio foi.

— Eu também.

Fomos para cozinha e tomamos café-da-manhã com todo mundo e meu

avô falou sobre pescarmos pela manhã e, à tarde, a Cecília sugeriu que fôssemos para a cachoeira.

— Prontos, garotada? — perguntou o meu avô, com uma enxada no ombro, eu só não sabia o que ele iria fazer com ela.

— Estamos prontos. — Arthur tirou as mãos dos bolsos e percebi uma empolgação em seu tom de voz.

— Então me sigam.

Saímos da cozinha e fomos com ele para a parte de trás da casa. Ele pegou algumas latas velhas de sardinha e colocou nas nossas mãos. Fiquei olhando para aquele pote de metal enferrujado sem saber para que o meu avô havia nos dado aquilo.

— Para que isso, vô?

— Para colocarem as iscas.

— Iscas? — Franzi o cenho sem entender. Quando eu pensava em isca para pescaria, imaginava uma mala chique com pequenos peixes falsos, como aquelas que eu via em *realities* sobre pescaria na televisão.

— Minhocas? — Os olhos de Arthur brilharam e Letícia se revirou em meio a uma careta.

— Isso aí, garoto!

— Que nojo, vô! — Entreguei o potinho para a minha irmã, que o colocou sobre o dela. — Não dá para pescar com isca artificial ou algum tipo de ração?

— E tirar a graça de pegar a minhoca, prima? — Uma voz fez com que todos virassem para trás e o Alisson surgiu no nosso campo de visão. — Precisa sujar essas suas unhas de porcelana com um pouco de terra.

Não sei o que ele estava fazendo ali, mas não gostei.

— Não acha, vô?

— Tá certo, Lissin!

— Acho que depois do sapo da madrugada, a Char deve querer ficar bem longe de coisas frias e gosmentas — disse Cecília em minha defesa, e eu sorri para a minha irmã em gratidão.

— Sapo? — Katarina deu um salto. — Onde tem sapo?

— Tinha na minha barraca, por isso eu dormi no sofá.

— Eca! — Katarina fez uma careta e Letícia também.

— É só um sapinho, gente. — Arthur deveria ter ficado calado, pois atraiu um olhar de fúria de quase todo mundo.

— Da próxima vez, você que vai acordar com um. — Cruzei os braços.

— Gente, não é para tanto.

— Sem brigas, meninos, pega a minhoca quem quiser.

— Bora, Peter? — Henry dirigiu um olhar desafiador para o novo namorado da minha irmã.

— Por que não?

— Corajosos — debochou a Letícia.

Henry pegou a enxada do meu avô e seguiu até um local de terra fofa na horta que havia sido indicado pelo vovô. Eu nem queria pensar em quem lavaria os tênis deles quando chegassem em casa, pois certamente ficariam muito sujos de barro. Meu namorado cavoucou a terra, batendo e puxando com a ferramenta, até que minhocas começaram a saltar. Cecília foi para perto do Peter e o ajudou a encher os potinhos com os vermes da terra.

Eu, as outras meninas, e até o “valentão” do Arthur, ficamos apenas de longe, observando. Não ia colocar a mão naquilo nem morta. A minha cota de bichos asquerosos já havia se esgotado com a noite anterior.

— Segura! — Cecília me deu um potinho com um pouco de terra e aqueles bichos marrons se contorcendo. Fiz uma careta terrível que a deixou rindo.

— Que nojo!

— Segura rapidinho. Só vou lavar a minha mão. — Rindo, minha irmã passou por mim e ela e o Peter foram lavar as mãos no tanque.

Depois que a minha irmã pegou as minhocas de volta, meu avô colocou uma vara de pescar na mão de cada um e nos guiou em fila para o lago. Ele e a Cecília colocaram as minhocas nas pontas dos nossos anzóis e eu me sentei em um dos bancos, ao lado do Henry, e colocamos as minhocas na água.

Tombei a cabeça sobre o ombro dele e Henry fez carinho no meu rosto.

— Você lavou essa mão, né?

— Lavei, mas eu nem peguei nas minhocas, Charlotte.

— Elas são nojentas.

— São só bichinhos, amor.

Ignorei, Henry sempre foi muito mais de boa com a maioria das coisas do que eu.

Estava distraída, olhando para o céu, quando a vara na minha mão foi puxada. Ela escorregou um pouco, mas eu a puxei antes que fosse completamente tirada das minhas mãos.

— Tem alguma coisa puxando!

— Você pegou um, amor. Puxa para fora da água.

— É pesado.

— Eu vou te ajudar. — Ele fincou a vara dele na margem do lago e segurou a minha, junto comigo.

Realmente o peixe era pesado, porque, mesmo nós dois puxando, precisamos fazer força até que finalmente levantamos um peixe de trinta centímetros da água.

— Parabéns, Charlotte! — Vibrou a Cecília.

Vovô veio até nós e tirou o peixe do anzol, colocando-o em um balde.

Depois de ter pego aquele eu até me animei, e não saí de lá até ser a vencedora de uma competição que só existia na minha cabeça.



Lecilia

Capítulo

Vinte e nove

Depois do almoço, coloquei um biquíni, passei protetor solar e seguimos caminhando até uma cachoeira que ficava a quinhentos metros da casa.

— Não pulem e tomem cuidado que a pedra é escorregadia — dizia a minha avó, que veio atrás da gente para se certificar de que não faríamos nenhuma coisa mirabolante. — Alisson, toma conta deles.

— Eu vou supervisionar, vó — garantiu o meu primo, que estava mais supervisionando a Katarina do que qualquer outra coisa.

— Aqui é tão bonito. — Peter segurou a minha mão quando paramos perto da cachoeira.

Olhei para cima e vi a água caindo de vários metros; tudo era cercado por altas árvores que protegem a água, mas também a tornavam mais fria. Fazia um tempão que eu não vinha ali, que nem me lembrava direito de como era.

— É muito bonito, sim.

— Não mais do que você. — Ele não mudou o tom de voz, mas a minha bochecha corou assim mesmo.

— Assim você me deixa envergonhada.

— Eu só falei a verdade. — Encarou-me de frente, e eu estava perdida na imensidão dos olhos azuis dele quando alguém jogou água na nossa direção.

Rosnei baixinho e Peter riu.

— Vamos entrar?

— Vamos!

Caminhamos até uma parte da cachoeira onde a água era mais rasa e tão cristalina que me permitia ver as pedras no fundo. Coloquei meu pé e fui varrida por um calafrio. Peter me abraçou e ele estava quente.

— Quer entrar junto?

Balancei a cabeça fazendo que sim e ele me puxou para a cachoeira junto ao seu peito. O calor do corpo dele era tão gostoso que combatia o frio da água e não me deixava tremer. Permanecemos abraçados até eu ter água nos ombros.

— Assim fica fácil.

— Ah, é? — Ele abaixou a cabeça e seus lábios ficaram muito próximos do meus, o suficiente para o meu coração vacilar.

— Sim. — Eu estava sendo varrida por calafrios, mas não imaginava que fosse por causa da cachoeira.

— Você brilha tanto quanto o sol, sabia? — Ele tirou uma das mãos da minha cintura e a colocou no meu rosto.

— Obrigada. — Passei a mão molhada pelo rosto dele, sentindo os pelos crescendo da sua barba, e me lembrei de que ele já tinha dezoito anos e era um homem. — Seus olhos são lindos.

A boca dele chegou mais perto até encostar na minha, mas antes que nos beijássemos, recebemos uma onda enorme de água que fez com que nos afastássemos e saíssemos tossindo por ter engolido parte do líquido.

— Foi mal. — Katarina deu um sorrisinho ao se jogar nos braços do meu primo e beijá-lo, pegando o cara de surpresa.

— Foi mal? — Peter resmungou, irritado.

— Deixa ela para lá. — Abracei ele novamente e Peter segurou a

minha cintura, nos girando. Ele ficou de costas para a Katarina, protegendo o nosso beijo de qualquer coisa que ela fizesse para nos impedir.

Peter segurou o meu rosto entre as suas mãos molhadas e me beijou. Foi mágico, como sempre era. Quando ele depositava todo o seu carinho, o mundo ao meu redor apagava e éramos apenas nós dois. Depois de um ano muito triste, com pressão e frustrações, eu estava me lembrando de quanto era bom ter um namorado.

Eu só ouvia o barulho da água da cachoeira caindo e mergulhava nas sensações de ter a boca dele na minha. Era incrível, indescritível, e não queria que acabasse nunca. Ele me apertou mais e eu suspirei, estava ficando sem ar, mas não ousaria afastá-lo.

— Calma! Não precisa engolir a minha irmã.

Peter riu e apartou o nosso beijo, mas não se afastou de mim. Eu apoiei a cabeça no seu peito e ficamos abraçados até que decidimos nadar um pouco. Vovó jogou uma bola para gente e tentamos brincar com ela, o que não deu muito certo, porque ela quase foi levada pela correnteza umas três vezes.

Independentemente de ter a Katarina querendo atrapalhar o meu momento, eu estava nas nuvens. Mamãe estava certa, o primeiro poderia não ser o cara certo, mas o segundo eu estava torcendo para que fosse.



Charlotte
Capítulo

Trinta

Depois do jantar nos reunimos ao redor da fogueira e meu avô começou a contar histórias. Casos de quando ele era criança e as coisas que fazia pela fazenda e a região. Teve até história de fantasma no cemitério da capela que ficava a alguns metros dali. Eu não era do tipo medrosa, ao menos não tinha medo de assombração, porque achava que não existiam essas coisas. Tinha mais medo de gente viva, mas a minha irmã parecia bem assustada, ou era uma desculpa para ela ficar agarradinha ao Peter enquanto se encolhia.

Henry apertou a minha mão e olhou para mim. Fiquei sem saber se ele estava com medo ou se apenas fez isso para demonstrar que me daria o seu apoio.

— Acho que agora tá na hora de vocês irem dormir. — Meu avô se levantou, despediu-se de todo mundo com um aceno e entrou na casa.

— Que dar uma volta? — Henry me ofereceu a mão ao se levantar.

— Agora?

— Não precisa se você estiver com sono.

Olhei para ele, apenas metade do seu rosto era visível pela luz do fogo da fogueira, mas era o suficiente para perceber a expressão gentil e amena.

— Não tô com sono. — Segurei a mão dele.

Ainda estava me decidindo se dormiria outra vez no sofá duro da sala ou se me arriscaria a ser acordada por outro sapo ou um animal ainda pior, tipo uma cobra. Nenhuma das duas alternativas era muito animadora.

Nós fomos para perto do lago, mas o coaxar dos sapos fez com que

tomássemos outro caminho.

— Para onde quer ir? — Henry olhou em volta ao perceber que estávamos andando no escuro, cada vez mais para o meio do nada.

— Você sabe onde fica a casa na árvore que o vovô fez para a Cecília?

— Acho que para lá. — Ele tirou o celular do bolso e usou a lanterna para guiar nosso caminho. Podia até não ter sinal ali, mas o celular era tipo uma extensão do nosso corpo e dificilmente estávamos sem ele.

Continuamos pelo caminho colina acima até nos aproximar da árvore onde estava a casa. Henry usou a lanterna para iluminar, esperou que eu subisse, e veio logo atrás.

— Aqui é legal, né?

— Bastante. — Aproximei-me da janela, mas estava tão escuro do lado de fora, que, tirando o céu estrelado, eu não conseguia ver mais nada.

Ele colocou a mão na minha cintura e parou do meu lado.

— Tô feliz por estarmos aqui.

— Eu também. — Virei para ele e coloquei as mãos ao redor do seu pescoço e o beijei.

— Quer voltar para o acampamento?

— Agora não. — Passei a mão pelos fios do cabelo dele. Eu gostava do Henry pra caramba e torcia para que ficássemos juntos para sempre. — Eu conversei com a minha mãe e *tava* pensando muito. Decidi que eu quero.

— Aqui? — Percebi no tom de voz dele que o Henry oscilou.

— Pode ser aqui, pode ser quando a gente voltar, também. Acho que vou ficar com esse frio na barriga em qualquer lugar.

— Sabe que eu te amo, né? — Passou a mão pelo meu rosto, colocando o meu cabelo para trás. — Desde que a gente era criança.

— Eu também. Amo demais e quero ficar com você para sempre. —
Abracei ele e fiquei assim por um tempão, sem pressa nenhuma para me afastar.

— Você pode ficar.

— Posso?

Ele me beijou de novo e aquele carinho todo meu envolveu. Eu estava bem, segura, e gostava muito dele.

— Você tem alguma aí?

— Acho que tenho na carteira.

— Anda com carteira aqui na roça?

— Minha mãe disse para não andar sem documento em lugar nenhum.

— É, faz sentido.

— Charlotte, a gente não precisa...

— Não, mas eu quero, e você?

— Quero muito. — Apertou a minha cintura.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei. Desde que o Henry e eu havíamos começado a namorar, ele havia crescido bastante e eu era cada vez mais baixa comparada a ele. As mãos dele desceram e eu o abracei.

Em meio a muito carinho, nossas roupas foram parar no chão e passamos a noite toda naquela casa na árvore.



Lecilia

Capítulo

Trina e um

— Cecília

A Charlotte não voltou para a barraca a noite e imaginei que ela tivesse ido dormido no sofá de novo. Não podia julgá-la, crescemos com realidades muito diferentes; enquanto para mim não passava de um simples sapinho, para ela poderia ser um monstro horrível que dava muito medo.

Saí da barraca e a primeira pessoa que vi foi o Arthur jogando num videogame portátil sentado no tronco da árvore. Letícia estava do outro lado e os dois fingiam que não se observavam, mas estava na cara que sim. Fiquei me coçando para não perguntar por que não voltavam logo, porém, não sabia o motivo do término deles, e eu, mais do que ninguém, sabia muito bem que, às vezes, simplesmente não dava certo.

Fui ao banheiro e quando saí, Peter estava na porta, com uma toalha pendurada no ombro e uma escova de dentes na boca.

— Bom dia!

Ele resmungou de volta, porque não conseguia falar direito por causa da escova e eu ri.

— Pode entrar. — Dei um passo para fora.

Ele passou por mim e cuspiu na pia.

— Obrigado. Bom dia, amor.

— Vou lá para a cozinha.

— Beleza, vou tomar um banho e já estou indo.

Meus pais, meus avós, a babá, meus irmãozinhos, a Katarina, e meu primo estavam na cozinha, mas eu não vi nenhum sinal da minha irmã ou do

Henry. Preferi não perguntar, imaginei que eles estivessem juntos e era melhor não chamar a atenção de ninguém para isso.

Sentei para tomar café e logo Peter se acomodou ao meu lado.

Levou um tempo para que a Charlotte e o Henry aparecessem. Eles pareciam felizes e, ao mesmo tempo, muito envergonhados. Mil coisas passaram pela minha cabeça, mas eu teria que perguntar para ela depois.

Antes do almoço, a vovó nos colocou para limpar os peixes que pegamos no lago na manhã anterior. Eles seriam o nosso almoço daquele dia.

— Olhem só isso! — Arthur caminhou com vísceras de peixe na direção da Letícia que fez uma expressão tremenda de nojo e saiu correndo de perto da área do tanque onde estávamos.

— Deixa de ser nojento, menino! — Katarina deu um tapa no ombro dele.

— Vocês que são frescas demais.

— Não vamos brincar com a comida — alertou o meu avô, observando de longe para garantir que a situação não saísse do seu controle.

— O único problema é o cheiro de peixe que a gente fica depois. — Segurei a cauda de um enquanto passava a faca pela lateral, tirando as escamas.

— Acho que eu posso lidar com um pouco de cheiro de peixe. — Peter piscou para mim e as minhas bochechas coraram.

Estávamos namorando há alguns dias, mas, estar com ele, já era completamente diferente da experiência anterior. Ouvira uma vez que nada melhor do que um amor novo para nos fazer esquecer do anterior e estava começando a acreditar nisso, pois, quanto mais tempo eu passava perto do Peter, menos eu pensava no Caio e em como tudo havia acabado.

Depois do almoço, nós fizemos uma votação para decidir se iríamos para cachoeira ou andaríamos a cavalo de novo. Claro que a cachoeira ganhou. A vovó nos ajudou a preparar um piquenique e ficamos na cachoeira até o início da noite. A nossa última noite na fazenda, já que as férias iriam durar mais uma semana, porém meu pai precisava voltar para casa e para a empresa.

De noite, minha irmã e eu entramos na barraca ao mesmo tempo para pegar alguma coisa em nossas malas e foi a minha oportunidade de ficar sozinha com ela e perguntar sobre o sumiço na parte da manhã.

— Você e o Henry acordaram megacedo hoje, né?

— A gente? — Ela engoliu em seco, e seu tom de voz era de puro desconcerto. Achei estranho, porque minha irmã nunca foi do tipo que ficava envergonhada, pelo contrário, ela sempre foi muito valentona e nada a amedrontava.

— A gente... é...

— Vocês estavam namorando. Eu saquei. — Ri. — Não precisa ficar com essa vergonha toda.

— Cecília — ela respirou fundo e esticou a mão para tocar a minha —, promete que não conta para ninguém? Não falei nem com a mãe ainda e não quero que mais ninguém saiba. Ao menos, ainda não.

— Não vou contar. — Sentei no colchão inflável. Fiquei tensa, pensando que algo de ruim poderia ter acontecido com a minha irmã. — O que foi?

— Rolou aquilo entre mim e o Henry, ontem, na casa da árvore. Nós passamos a noite lá.

— Vocês dois...

— Cecília! — me interrompeu antes que eu falsasse em voz alta.

— Foi bom?

— Foi e não foi.

— Como assim?

— Doeu para caramba e eu quase mudei de ideia, mas foi tudo bem devagar. Mas foi bom estar nos braços dele.

— Bom, ouvi um monte de gente dizer que na primeira vez dói. Pode ser que melhore depois.

— Quero descobrir isso.

— Vocês dois usaram...

— Nós tomamos cuidado.

— Que bom!

— Cecília?

— Oi?

— Se alguém perguntar você fala que eu dormi aqui? Acho que vou dormir lá com ele de novo.

— Pode deixar. Só toma cuidado.

— Eu vou tomar. — Ela me deu um beijo e saiu da barraca.

Eu poderia não estar segura para tomar aquela decisão, mas com a Charlotte as coisas pareciam diferentes e ela não se mostrou arrependida. Estava feliz por ela.



Charlotte
Capítulo

Trinta e dois

— Acho que a gente tem que voltar. — Levantei do colchão velho da casa na árvore e puxei o Henry comigo.

— É, temos. — Ele se levantou, mas em vez de me seguir para fora da casa na árvore, Henry segurou a minha cintura e me puxou para um beijo. — Eu amo muito você.

— Também te amo.

— Não quero que você sinta dor.

— Dessa vez eu senti menos, foi só no início. Depois foi bom. Da próxima vez, pode ser que eu nem sinta mais.

— Eu fico feliz com isso, e você sempre foi muito corajosa.

— Acho que não é coragem o que eu estou sentindo agora. — Coloquei a mão sobre o peito dele. — Estou mais apaixonada, se for possível.

— Eu também estou.

— Agora a gente precisa ir. — Desci a escada e segui na frente.

Quando cheguei no acampamento, percebi que havia perdido a noção do tempo estando com o meu namorado, porque já estavam todos de pé e desmontavam as barracas.

— Onde você estava, Charlotte? — questionou a Katarina, me encarando.

— Eu não disse que ela e o Henry saíram cedo para dar um último passeio pela fazenda? Viu, já voltaram — respondeu a Cecília rápido o bastante, para que eu não tivesse que pensar em uma desculpa e não acabasse metendo os pés pelas mãos. Ainda estava nas nuvens pelos momentos que

passei com o Henry e confesso que isso havia me deixado um pouco abobada.

— Perguntei para ela, *nerdzinha*. Vocês podem até ser gêmeas, mas ainda não são a mesma pessoa. — Katarina fez bico e encarou a minha irmã como um cão feroz. Ela nunca aceitou muito bem a presença da Cecília e parecia que, com o namoro da minha irmã com o *crush* eterno da Katarina, o ranço havia piorado.

— Calma, Kat! É isso mesmo que a Cecília falou, só fui dar um passeio com o Henry.

— E uns beijinhos. — Ele apareceu por trás de mim e me deu um beijo na bochecha, quase me fazendo ter um ataque do coração.

— Sabia! — Arthur riu.

Ri sem graça, enquanto o meu coração pulava no peito de tão acelerado que batia.

— Vamos arrumar as coisas, pessoal. A gente precisa ir embora. — Meu pai apareceu na varanda com uma mala e seguiu até o mini ônibus que usou para nos trazer.

Henry me soltou e foi juntar as suas coisas.

Nós colocamos tudo de volta no ônibus, tomamos café, nos despedimos dos meus avós, e tomamos o rumo de volta para Bela Vista.

Eu me debrucei sobre o vidro da janela logo depois que coloquei o meu cinto de segurança. Enquanto o ônibus era manobrado para deixar o quintal da casa dos meus avós, eu observava a colina, e lá no alto, pude ver a casa na árvore, um pedacinho da fazenda dos meus avós que eu certamente nunca esqueceria.



Lecilia

Capítulo

Trinta e três

Meu pai me deixou voltar de carro com o Peter. Confesso que o fato de o meu namorado poder dirigir o seu próprio carro era muito legal. Estava ansiosa para fazer dezoito anos e também tirar a minha carteira de habilitação.

— Posso voltar naquela música? — Levei a mão até o rádio, mas parei no meio do caminho, com medo que ele pudesse não gostar que mexesse.

— Claro que pode!

— Obrigada. — Apertei um botão para voltar à música anterior. — Gosto muito dessa.

— Eu também.

Fiquei na minha, não queria falar nada, pois ele parecia muito concentrado na viagem e o percurso de carro eram horas e horas, o que poderia tornar aquela viagem muito cansativa para o motorista.

— Cecília? — chamou por mim, depois de muito silêncio.

— Oi?

— Vai estar muito ocupada na semana que vem?

— Não, por quê?

— Estava pensando se você não quer sair comigo. Podemos ir para o cinema. Vi que tem um filme de romance em cartaz, ou podemos escolher outro que faça mais o seu estilo.

— Eu iria gostar muito. Não precisamos ver só filme de romance, podemos escolher um que você gosta também.

— A gente vê.

— *Tá bom!*

— Ótimo! Eu estou feliz. — Ele tirou a mão da marcha e colocou sobre a minha.

— Também estou. — Sorri para ele.

As cinco horas que separavam a casa do meu pai da fazenda dos meus avós nunca pareceu tão curta, porque eu fiquei olhando para o Peter e hora ou outra conversávamos sobre alguma coisa que me distraía e não me fazia pensar em quanto tempo demoraria para chegarmos. Estava amando passar aquele momento com ele.

Peter estacionou o carro na entrada da mansão do meu pai um pouco antes do ônibus entrar.

— Pronto! Chegou em casa sã e salva.

— Obrigada! — Debrucei-me sobre o banco para dar um selinho nele.

Ele segurou o meu rosto e aprofundou o beijo um pouco mais, até que tivemos que nos separar em busca de fôlego.

— Vem, vamos tirar as suas coisas lá do porta-malas. — Ele saiu do carro e eu o acompanhei, no momento em que o pessoal estava descendo do ônibus.

Não demorou para que os pais da Letícia e o motorista do Arthur aparecessem para levá-los. A Katarina ficou um pouco mais e fiquei me questionando se ela iria ficar lá em casa. Como melhor amiga da minha irmã, era possível, mas eu estava torcendo para que ela fosse embora.

— Docinho? — Peter me chamou, atraindo a minha atenção.

— Oi?

— Eu vou para casa, tudo bem? A gente combina de sair durante a semana?

— Sim. Me manda mensagem quando chegar?

— Mando. — Ele me fez carinho e me beijou antes de acenar para a galera e entrar no carro para ir embora.

— Até parece que isso vai dar certo, né? — Ouvi a Katarina balbuciar e podia sentir o quanto ela estava agourando o meu relacionamento com o Peter.

— Kat, deixa eles — Charlotte me defendeu.

Peguei a minha mala e subi para o meu quarto, não iria deixar que aquela cara feia dela estragasse o meu momento.

Fui para o meu quarto, fechei a porta, e me atirei na cama. Precisava admitir que, por mais que o meu namoro com o Caio tivesse acabado de uma vez por todas, o saldo da minha viagem havia sido muito positivo.

Peguei o meu celular e vi que ele estava cheio de mensagens. Depois de uma semana fora, era de se esperar que até o grupo do clube de leitura estivesse abarrotado de mensagens não lidas. Tinha algumas do Peter antes da minha ligação para ele e muitas da Roberta, a minha amiga que estava morando nos Estados Unidos há alguns anos, mas nós ainda éramos muito próximas.

Roberta_zinha ♥ :

Sumiu total, hein, amiga?

Estava viajando com os meus pais para a fazenda dos meus avós.

Lá não tinha internet. Acabei de chegar.

Como estão as coisas aí?

Estão superótimas, mas eu estava preocupada com você.

Você e o Caio pararam de brigar?

Pq tava tenso demais.

Nada. A gente terminou de vez, e agora não tem mais volta.

Eita! I-M-P-A-C-T-A-D-A ??

Imagino que esteja bem trash para você?

Na verdade, eu estou de boa.

Sabe aquele carinha que eu te falei? O filho do sócio do meu
pai?

Aquele que deu bolo para você na festa dos gêmeos?

Esse mesmo.

Trabalho com fotos, Cecília!

Se não conheço a cara dele não posso dar a minha opinião.

Espera aí!

Tirei um print da foto que o Peter usava no perfil e enviei para ela.

Credo, que delícia! ??

Troca muito justa ?? .

Vocês estão se pegando? ??

Estamos namorando. <3

Que rapidez! Gostei! ??

Tô feliz com ele.

Espero que ele seja um cara legal, pq é um gatinho. ??

Por

enquanto está tudo perfeito.

Vai continuar sendo ??

Ainda tô aqui babando na foto. ??

Ao menos mais delícia que o Caio, ele é.

ROBERTA!!!!

Ah, amiga, só disse a verdade ?? .

Essa foto me desperta pensamentos impuros. ????????

Sossega. Só tem o rosto dele.

Se tiver mais pode mandar ?? .

Acho que já aprendi a minha lição

depois do ano passado. ??

Verdade, vamos esquecer essa foto.

Estou megafeliz por você estar com outro carinha que te faz bem.

Sim!!! ????

Cecília, preciso dormir pq amanhã vou sair com meu pai cedo.
??

Até mais, amiga! ??

Se joga no boy novo!

?? Com moderação.

Kkkkk ??

Deixei o celular na cama e fui para o banheiro do meu quarto. Passei muito tempo da minha vida dividindo um banheiro com todos da casa, e ter um só para mim era uma comodidade incrível.

Iria tomar um banho para poder conversar com o Peter depois. Quem sabe poderíamos ficar jogando conversa fora até dormir. Ainda havia um tanto de coisa que eu queria aprender sobre ele.



Charlotte
Capítulo

Trinta e quatro

Dei um tchau para a Katarina quando ela entrou no carro para voltar para casa. Fiquei feliz por ela ter ido embora e não ter decidido dormir lá em casa. Gostava muito da minha melhor amiga, nós crescemos juntas, mas naquele momento, estávamos em *vibes* completamente diferentes e eu só queria curtir com o meu namorado o passo que havíamos dado no nosso relacionamento.

Henry também foi embora, estava com saudades dos pais, no entanto, mal via a hora de estar nos braços dele novamente.

— Banheiro, meu querido banheiro, banheiro que amo tanto — resmunguei, ao abraçar a porta depois de tomar um longo e demorado banho. Nunca imaginei que sentiria falta de um cômodo tão trivial da minha casa, mas, depois daquela viagem, iria amar o meu quarto e o meu banheiro demais.

Sequei o meu cabelo e coloquei um pijama, já que não iria sair.

Fui até a cozinha fazer um sanduíche e, quando estava andando pelo corredor, passei na porta do quarto dos gêmeos e mamãe me chamou para dentro.

— Charlotte?

— Ei? — Girei o corpo e entrei no quarto, vendo-a sentada no chão emborrachado enquanto os observava brincarem com uma coisa de enfiar pecinhas.

Sentei junto deles e Vinícius veio para o meu colo, não entendia o motivo, mas ele adorava puxar o meu cabelo e sempre saía cheio de fios

pretos nas mãozinhas gorduchas.

— Está tudo bem? — Ela me analisou com o olhar.

— Por que não estaria, mãe? — Engoli em seco.

— Não sei. Sei que essa viagem foi difícil para você. Cresceu com tudo o que o seu pai poderia oferecer, e lá as coisas era bem mais simples.

— Foi legal, mãe! — Sorri.

— Que bom! Podemos pensar em ir lá mais vezes. Até para que os seus irmãos possam brincar em um espaço mais livre, pegar imunidade, e bichos-de-pé.

— Qual a possibilidade de o vovô construir novos banheiros?

Minha mãe gargalhou e eu fiquei sem resposta. Imaginei que teria que me acostumar a dividir o banheiro com um monte de gente.

— Mãe? — Engoli em seco e minhas bochechas começaram a arder.

— O que foi, querida?

— Podemos ir na médica amanhã? É que aconteceu. — Escondi o rosto com as mãos e ela me abraçou.

— Lá? Onde? Em uma das barracas? Rápido assim? Por que não esperaram ao menos estarmos de volta?

— Eu estava com vontade e deixei acontecer. Foi na casa da árvore.

— Por isso vocês dois sumiram de manhã? — Ela me lançou um olhar recriminatório e eu me encolhi ainda mais, morrendo de vergonha.

— Foi.

— Você está se sentindo bem? Aconteceu como queria?

— Considerando que só tínhamos um colchão velho e o som de grilos, acho que foi perfeito como poderia ter sido.

— Vocês deveriam ter esperado. — Ela balançou a cabeça em negativa.

— Não estou arrependida, mãe.

— Fico contente que não. Vocês se preveniram?

Balancei a cabeça em afirmativa.

— Amanhã vou levar você a uma ginecologista.

— Obrigada, mãe. — Eu a abracei e ela me abraçou de volta.

— Ah, vocês crescem tão rápido. As minhas meninas já são mulheres.

Ficamos abraçadas por um tempão, até um dos meus irmãozinhos começar a chorar, pedindo colo, e eu fui para o meu quarto, onde conversei com o Henry até ir dormir.



Lecilia

Capítulo

Trinta e cinco

Parei diante do espelho, observando a minha imagem, pensando se deveria passar um pouco mais de batom. Nunca fui muito ligada nessas coisas de maquiagem, mas a minha irmã arrasava e havia começado a me dar uns toques desde que fomos morar juntas.

Peguei o meu diário que havia deixando sobre a escrivaninha e guardei dentro da gaveta antes de sair do quarto. Desci a escada e me deparei com o Peter na sala conversando com o meu pai. Era fim de tarde e havíamos combinado de ir ao cinema pegar a sessão das dezoito horas.

— Oi! — Parei perto do sofá que ele estava.

— Nossa, Cecília, você está linda!

— Obrigada. — Desviei o olhar, envergonhada. — Estou pronta para ir.

— Cuida bem da minha menina. — Meu pai levantou, apertou o ombro do Peter, passou por mim e me deu um beijo no alto da cabeça antes de subir, provavelmente indo até a minha mãe e os meus irmãos.

Minha mãe sempre precisou trabalhar muito para cuidar de mim, mas, com a chegada dos gêmeos, ela havia se afastado para se dedicar a eles. Imaginava o quanto era enlouquecedor acompanhar duas crianças muito travessas, mas, ao contrário de mim e da Charlotte, nossos irmãozinhos teriam a vantagem de crescer com os nossos pais juntos.

— Pronto para irmos? — Peter parou ao meu lado e segurou a minha mão.

Balancei a cabeça, fazendo que sim.

Ele me deu um beijo rápido antes de seguirmos para fora da casa, onde ele havia estacionado o carro.

— Vamos ficar com aquele de super-herói mesmo? — Abriu a porta para mim.

— Acho que é uma boa escolha. Eu gosto desse tipo de filme e você também. Só não abro mão da pipoca com manteiga.

— Vou garantir a pipoca. — Ele gargalhou.

— Compre as balas também.

— As que você quiser. — Peter me deu um beijo antes dirigir para o shopping.

Estava toda empolgada na fila, segurando o balde de pipoca, já que as mãos do Peter estavam ocupadas com os refrigerantes. Era o meu primeiro encontro de verdade com o Peter e ele estava sendo um fofo, como sempre.

— Ah, vocês estão aqui? Que coincidência!

Virei a cabeça, mesmo com algo dentro de mim me dizendo para não virar, e me deparei com a Katarina parada com um grupinho que eu nem conhecia. Uns dois caras estranhos e mais velhos, além de uma menina. Pensei que não havia nada de coincidência no fato de ela estar ali e que a minha irmã poderia ter deixado escapar que Peter e eu viríamos ao cinema. Não era um segredo de estado, mas não estava contando que a bruxa ruiva aparecesse para atrapalhar o meu momento.

— Está empolgado com os Estados Unidos, Peter? Meu irmão disse que você vai para lá, mês que vem, não é?

— Katarina... — Vi o Peter cerrar os dentes e a expressão no rosto dele mudar, assumindo uma expressão de raiva.

— Algum compromisso com o seu pai ou vai a passeio? — Senti que iria me arrepender daquela pergunta, porém, não poderia simplesmente fechar os meus olhos e tentar ignorar tudo, fingindo que a situação iria ficar bem, pois isso não havia dado certo antes.

— Ele não te falou que vai estudar em Harvard?

— Katarina, cala a boca, você não sabe de nada!

— Você vai embora? — Meus olhos se encheram de lágrimas e o pote de pipoca caiu das minhas mãos, voando pipoca por todo o chão.

— Não vou. Conversei com o meu pai quando nós voltamos, prestei vestibular para uma faculdade daqui. Ele quer que eu vá para os Estados Unidos, mas eu quero ficar aqui, com você.

— Peter, você não pode desistir do seu futuro só porque a gente está namorando.

— Eu gosto de você, Cecília. — Ele largou os refrigerantes em cima de uma bancada e segurou as minhas mãos, que estavam tremendo, tão incontroláveis, quanto as lágrimas que rolavam pelo meu rosto. — Eu quero ficar aqui com você. Só diz que quer ficar comigo também, é o que importa para mim.

— Eu não posso, não posso fazer isso com você. Não posso atrapalhar o seu futuro.

— Meu futuro é mais que um diploma no exterior, Cecília. Posso fazer faculdade no Brasil, bem perto de você.

— Mas lá é melhor.

— O melhor é estar com você.

— Não, Peter! Você tem que ir. — Eu sentia o meu coração despedaçando ao dizer aquilo. Finalmente eu me sentia bem com o namorado

dos meus sonhos, mas eu o sentia escorrendo pelos meus dedos.

— Vamos conversar lá no carro. — Ele me puxou para fora do raio de visão da Katarina, que parecia se divertir com o que estava acontecendo.

Nós saímos do shopping e fomos para o estacionamento. Percebi que iríamos perder o filme, mas isso já não importava mais.

— Você iria deixar de ir só porque estamos namorando? — Esfreguei os olhos, pois as lágrimas já estavam me impedindo de enxergar direito.

— Não é tão horrível estudar aqui.

— Sabe quantas pessoas queriam ter essa oportunidade que você está jogando fora por minha causa?

— Cecília, não faz isso...

— A gente não pode continuar namorando se isso vai atrapalhar você.

— Não entende que é exatamente o que a Katarina quer? Separar nós dois?

— Sei que ela me contou na maldade, mas se eu descobrisse depois, seria muito pior. Peter, você tem que ir. — Tentava, mas não conseguia parar de chorar.

— Cecília, por favor...

— Não desista do seu futuro por minha causa. Eu não iria ficar bem com isso. — Eu também não estava bem naquela hora, pois havia descoberto que o meu castelo de felicidade era feito de areia e Katarina o tinha soprado.

— Só não faz isso.

— Isso o quê?

— Não termina comigo.

— Se você ficar...

Ele me abraçou tão apertado que me deixou sem ar.

— Eu vou, mas só se você me prometer que vai se esforçar, assim como eu, para fazer dar certo. Eu prometo vir para o Brasil sempre que der e sei que vão ser os quatro anos mais difíceis da minha vida.

— Dois. — Abri um sorriso amarelo, tombando a cabeça no ombro dele.

— Como assim? — Ele se afastou confuso, buscando os meus olhos e uma explicação para o que eu havia dito.

— Eu ganhei uma bolsa para estudar lá assim que terminar o ensino médio, para fazer a engenharia que eu quiser. Em tese, assim que eu terminar o ensino médio, eu vou para lá.

Peter fungou e sorriu. Notei que ele também estava chorando.

— É uma boa notícia. Dois anos namorando à distância; nós vamos conseguir passar por isso.

— Meus pais ficaram quatorze anos separados e conseguiram voltar um para o outro.

— Nós vamos conseguir. — Ele me puxou para ele, me abraçou e me beijou. — Eu te amo, Cecília.

Não respondi, porque não sabia o que responder. Amava ele? Ainda era muito recente para dizer. Porém, iríamos passar por uma prova de fogo e tanto, para que eu pudesse ter certeza dos meus sentimentos pelo Peter.

— Vamos voltar para o filme?

— Ele já deve ter começado.

— Não devemos ter perdido muito, tem os trailers. Além disso, quero que a Katarina saiba que eu sou e vou continuar sendo seu.

— A pipoca já era.

— Eu compro mais, rapidinho, antes da gente entrar. — Segurou a minha mão e me guiou de volta ao cinema.



Lecilia

Capítulo

Epílogo

Querido diário,

Fiquei sabendo que o Caio se mudou com o pai para algum lugar da Europa. Tenho a sensação de que nunca mais voltarei a vê-lo, mas acho que isso é o melhor para nós dois. Não demos certo e temos todo o direito de seguir com as nossas vidas.

Não era apenas o meu passado que estava partindo, meu futuro também. Hoje, comemoramos um mês de namoro, um mês grudadinhos e nos vendo todos os dias, mas o Peter vai embora para os Estados Unidos. Sinto que o meu coração vai fazer um buraco no peito de tanto que dói, no entanto, eu não poderia pedi-lo para ficar. Peter tinha oportunidades que não eram dadas a qualquer um e ele precisava aproveitá-las. Eu me esforçava para acreditar que se fosse para ele ser meu, assim como os meus pais eram um do outro, Peter encontraria o caminho de volta para mim.

Mas está doendo, está doendo demais...

Preciso ir me despedir dele e tentar não chorar um rio.

Beijos! Cecília.

— Pronta para ir, filha?

Olhei para a porta e vi o meu pai parado ali, me esperando levantar. Guardei o diário antes de ir até ele. Papai tinha ficado de me levar ao aeroporto para me despedir do Peter.

— Você está bem, filha? — perguntou, quando já estávamos dentro do

carro.

— Seria mentira se eu dissesse que estou, mas ele precisa ir. — Enxuguei com o dedo uma lágrima que escorreu pelo meu rosto.

— Só torço para que vocês tenham tomado a melhor decisão um para o outro. — Papai sorriu e eu percebi que ele não queria se intrometer.

Ficamos em silêncio até chegar ao aeroporto e no dirigimos diretamente até o portão de embarque internacional. Lá, nós nos encontramos com o Peter e os pais dele.

— Cecília! — Ele correu e me abraçou.

— Peter! — Enterrei a cabeça no peito dele e as lágrimas que eu havia segurado durante o caminho, desmoronaram de uma única vez.

— Amor, só me pede para ficar que eu fico — falou com a boca na minha, antes de me beijar apaixonadamente.

— Vamos ficar bem — prometi, quando nos afastamos.

— Espero que sim. — Os olhos azuis dele estavam vermelhos de tanto chorar e imagino que os meus estivessem do mesmo jeito.

— Peter, você precisa entrar agora — avisou o pai dele, estourando a nossa bolha.

— Ligo para você quando chegar na minha conexão. — Não desviava os olhos de mim.

— *Tá!*

— Eu te amo... — Foi se afastando enquanto segurava a minha mão e quando seus dedos finalmente soltaram os meus, eu meu encolhi e chorei, chorei como poucas vezes tinha chorado na vida.

— Eu também te amo — gritei pela primeira vez, quando ele passou pelos portões e não sei se o Peter conseguiu me ouvir.

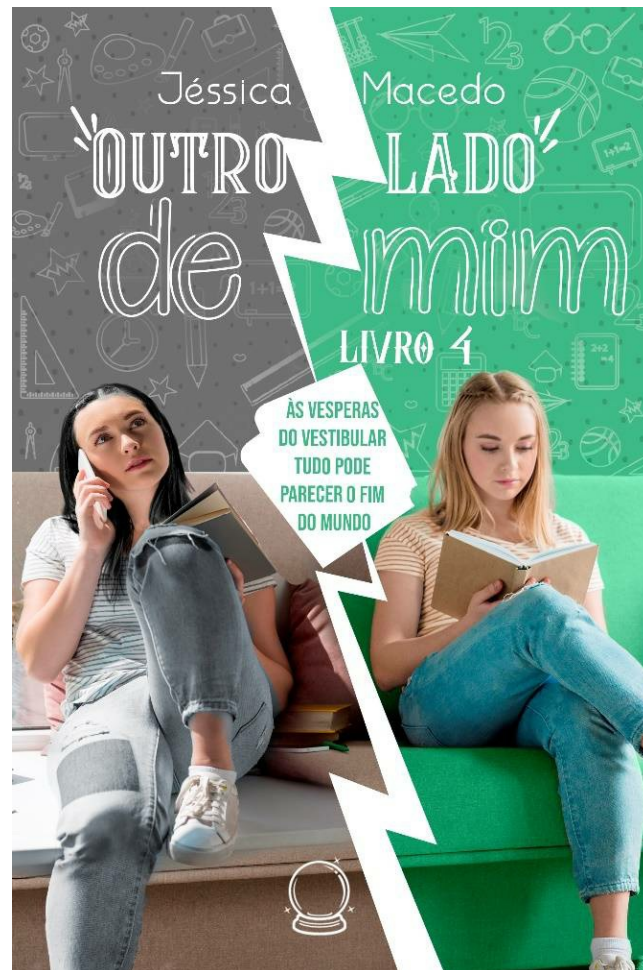
Fui envolvida por braços fortes e imaginei que era o meu pai me abraçando, mas logo percebi que era o pai do Peter.

— Obrigado. Tomou a melhor decisão para ele.

Não o respondi, só conseguia chorar. A melhor decisão para ele seria a melhor decisão para nós dois? A única certeza que eu tinha era que ainda iria viver e sentir muita coisa.

Próximo livro...

Previsto para 2021...



Sobre a autora

Jéssica Macedo é mineira de 24 anos, mora em Belo Horizonte com o marido e três gatos, suas paixões. Jéssica escreve desde os 9 anos, e publicou seu primeiro livro aos 14 anos. Começou na fantasia, mas hoje escreve diversos gêneros, entre romance de época, contemporâneo, infanto juvenil, policial, e ficção científica. Com mais de trinta livros publicados, é escritora, editora, *designer* e cineasta. Tem ideias que não param de surgir, e novos projetos não faltam.

Acompanhe mais informações sobre outros livros da autora nas redes sociais.

Facebook - www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram - www.instagram.com/autorajessicamacedo/

Página da autora na Amazon - <https://amzn.to/2MevtwY>



Leia também a História de Cíntia e Vitor

Nunca te esqueci



link => <https://amzn.to/2XFlaoY>

Sinopse:

Aos prantos e com o coração despedaçado, Cíntia deixou sua casa, sua família e seu namorado e foi estudar em uma cidade grande.

Mas o destino estava prestes a surpreendê-la. Cíntia tentou, lutou com todas as forças para não se aproximar, não se apaixonar... Vitor era o completo oposto de tudo o que desejava. Um jovem mimado e rico, que a provocou, enlouqueceu e roubou seu coração.

Um amor proibido, uma união indesejada e uma gravidez inesperada. Cíntia e Vitor imaginaram que poderiam viver juntos para sempre, que seriam eles contra o mundo. Mas corações serão partidos, promessas serão quebradas e todo o amor que viveram se tornará uma triste lembrança do passado da qual se negam a desistir.

